



JUDITH MCNAUGHT

ALGUÉM PARA AMAR

B
BERTRAND BRASIL

Da autora:

*Agora e sempre
Algo maravilhoso
Alguém para amar
Tudo por amor*

Dinastia Westmoreland:

*Whitney, meu amor
Até você chegar
Um reino de sonhos*

JUDITH MCNAUGHT



ALGUÉM PARA AMAR

Tradução

Vitória Regina P. Mantovani

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2019

Copyright © 1990 by Eagle Syndication, Inc.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para a Editora Bertrand Brasil. Editora Bertrand Brasil é uma empresa do Grupo Editorial Record.

Título original: *Almost heaven*

Imagens de capa: Cynthia Liang/Shutterstock (castelo) e Valery Petrushkov/Shutterstock (mulher)

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2019
Produzido no Brasil
Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429a

Mcnaught, Judith

Alguém para amar [recurso eletrônico] / Judith Mcnaught ; tradução Vitória

Regina P. Mantovani. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2019.

recurso digital

Tradução de: *Almost heaven*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2431-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mantovani, Vitória Regina P. II.

Título.

19-58822

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Agradecimentos

À minha editora, Linda Marrow, pelos anos de amizade e pelas noites de trabalho intenso.

A Perry Knowlton, agente e excelente amigo.

A Diana Gabaldon, por tudo que me ensinou sobre a Escócia.

A Susan Prigozen, que sabe tudo sobre as estrelas. Elizabeth Cameron e eu somos imensamente gratas a você.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 1

Quinze criados, usando a tradicional libré azul e prata da Casa de Cameron, saíram de Havenhurst ao nascer do sol daquele dia. Todos carregavam mensagens idênticas e urgentes que o tio de Lady Elizabeth, Sr. Julius Cameron, os incumbira de entregar em quinze diferentes residências por toda a Inglaterra.

Os destinatários das mensagens tinham apenas uma coisa em comum: haviam, certa vez, pedido a mão de Elizabeth em casamento.

Os quinze cavalheiros, ao ler a mensagem, se surpreenderam. Alguns ficaram incrédulos; outros, desconfiados, e outros, ainda, cruelmente satisfeitos. Doze deles enviaram respostas imediatas, declinando a oferta ultrajante de Julius Cameron e, depois, correram à procura de amigos com quem pudessem compartilhar o saboroso e inesperado mexerico.

Três destinatários tiveram reações bem distintas.

LORDE JOHN MARCHMAN acabara de retornar da caçada, seu passatempo diário favorito, quando o criado de Havenhurst chegou à sua casa e um laçao entregou-lhe o recado.

— Raios me partam — murmurou ele enquanto lia.

A mensagem comunicava que o Sr. Julius Cameron ansiava por ver a sobrinha, Lady Elizabeth Cameron, imediata e convenientemente casada. Por essa razão, o Sr. Cameron dizia estar disposto agora a reconsiderar o pedido previamente rejeitado de John e conceder a ele a mão de Elizabeth. Ciente de

que um ano e meio se passara desde a última vez que John esteve na companhia da moça, Julius Cameron se dispôs a mandar a sobrinha, devidamente acompanhada por uma dama, para passar uma semana na casa de John, a fim de “renovar os laços”.

Incapaz de acreditar no que estava lendo, Lorde Marchman andava de um lado para outro enquanto relia a carta.

— Raios me partam — repetiu.

Passando a mão pelo cabelo loiro, lançou um olhar distraído para a parede à sua frente, completamente ornamentada com seus mais adorados tesouros: as cabeças empalhadas de animais que havia caçado por toda a Europa e além. Um alce encarou-o de volta com seus olhos vítreos; ao lado dele, um javali selvagem exibia suas presas. Aproximando-se, Lorde Marchman afagou o alce por trás dos chifres, num gesto de afeição que, embora absurdo, expressava sua gratidão pela esplêndida caçada que aquele troféu em particular lhe proporcionara.

A visão encantadora de Elizabeth Cameron dançava diante de seus olhos — um rosto incrivelmente adorável, com aqueles olhos verdes, pele de camafeu e sorridentes lábios macios. Um ano e meio atrás, ao conhecê-la, ele a considerou a jovem mais bela que já vira. E, depois de encontrá-la somente duas vezes, o encanto de seus 17 anos conquistara-o de tal forma que ele apressara-se em escrever ao irmão dela, pedindo-a em casamento, apenas para ser friamente rejeitado.

Mas era evidente que o tio de Elizabeth, agora seu guardião, via John com outros olhos.

Talvez a própria adorável Lady Elizabeth estivesse por trás dessa decisão, pensou. Talvez os dois encontros que tiveram no parque significassem tanto para ela quanto haviam significado para ele.

John foi até outra parede, que exibia uma variedade de varas de pesca. Pensativo, escolheu uma delas. As trutas morderão a isca esta tarde, considerou enquanto se recordava dos magníficos cabelos cor de mel de Elizabeth. Sob a luz do sol, os cabelos dela brilhavam como as escamas reluzentes de uma bela truta saltando na água. A analogia parecia tão

adequada e poética que Lorde Marchman parou, fascinado com o pensamento, e pousou a vara de pesca no chão. Elogiaria os cabelos de Elizabeth exatamente com aquelas palavras, decidiu, quando aceitasse a oferta de Julius e ela viesse para sua casa, no mês seguinte.

SIR FRANCIS BELHAVEN, o 14º destinatário da mensagem de Julius Cameron, leu o recado sentado em seu quarto, envolto num robe de cetim, enquanto sua amante o esperava, deitada nua na cama, do outro lado do cômodo.

— Francis, querido — ronronou ela, arranhando o lençol de cetim com as longas unhas. — O que há de tão importante nessa carta que o impede de ficar aqui comigo?

Ele ergueu os olhos e franziu a testa, ouvindo o ruído que as unhas dela produziam.

— Não estrague os lençóis, amor — disse. — Custaram trinta libras cada.

— Se você gostasse de mim — retrucou ela, tentando não dar a impressão de se queixar —, não iria se importar com o preço. — Francis Belhaven era tão avarento que, às vezes, Eloise se perguntava se, casando-se com ele, ganharia apenas um ou dois vestidos por ano.

— E se você gostasse de mim — disse ele suavemente —, seria mais cuidadosa com meu dinheiro.

Aos 45 anos, Francis Belhaven ainda não se casara, mas não lhe faltava companhia feminina. Adorava imensamente as mulheres — seus corpos, seus rostos, seus corpos...

Agora, no entanto, precisava gerar um herdeiro legítimo e, para isso, precisava de uma esposa. Durante o ano anterior, calculara seriamente os rígidos requisitos que exigiria da afortunada jovem que fosse escolhida por ele. Queria uma esposa jovem, bonita e dona de sua própria fortuna, para que não esbanjasse a dele.

Desviando a atenção da carta de Julius, lançou um olhar ávido aos seios de Eloise e acrescentou mentalmente um novo requisito para a futura esposa: ela deveria ser compreensiva em relação ao seu apetite sexual e à sua necessidade de um *menu* variado. De nada adiantaria irritar-se por ele se envolver num

caso trivial com outra mulher de vez em quando. Em sua idade, Sir Francis não tinha a menor intenção de ser tolhido pelos conceitos de moral e fidelidade de uma moçoila zelosa.

A imagem de Elizabeth Cameron se sobrepôs à de sua amante nua. Que beleza exuberante ela possuía quando ele lhe propusera casamento, cerca de dois anos atrás! Os seios, como frutas maduras, a cintura fina, o rosto... inesquecível. A fortuna... adequada. Desde então, surgiram rumores de que ela havia ficado praticamente na miséria depois do misterioso desaparecimento do irmão, mas Julius Cameron sugeria que ela teria um dote razoável, demonstrando que, como sempre, os rumores não tinham fundamento.

— Francis!

Ele se levantou, encaminhou-se para a cama e sentou-se ao lado de Eloise. Pousou uma das mãos em seu quadril, carinhosamente, ao mesmo tempo que tocava a sineta com a outra.

— Espere só um momento, querida — disse quando um criado entrou apressado no quarto. Então, entregou-lhe a carta e instruiu: — Diga ao meu secretário para enviar uma resposta afirmativa.

A ÚLTIMA MENSAGEM foi encaminhada da residência de Ian Thornton, em Londres, para sua propriedade rural em Montmayne, onde acabou juntando-se a uma pilha de correspondências, de convites sociais a cartas de negócios, esperando por sua atenção.

Ian abriu a carta de Julius Cameron enquanto ditava rapidamente ao seu novo secretário e não demorou nem a metade do tempo que Lorde Marchman e Sir Francis Belhaven levaram para tomar uma decisão.

Olhou para a carta com absoluta incredulidade, enquanto Peters, o secretário que estava a seu serviço havia apenas duas semanas, murmurava uma silenciosa prece de agradecimento pela pausa e continuava escrevendo o mais depressa que podia, tentando acompanhar o ritmo do patrão.

— Isto aqui — disse Ian, brevemente — foi enviado para mim por engano ou por zombaria. Em todo o caso, é de um mau gosto excruciante.

A lembrança de Elizabeth Cameron relampejou diante de seus olhos — a jovem sedutora, interesseira e frívola, dona de um rosto e de um corpo que lhe embotavam a mente. Estava noiva de um visconde quando a conhecera. Claro que não se casara — sem dúvida, desprezara-o em favor de alguém com melhores perspectivas. A nobreza inglesa, como Ian bem sabia, casava-se apenas por prestígio e dinheiro e, depois, ia procurar satisfação sexual em outros lugares. Era evidente que os parentes de Elizabeth Cameron estavam-na colocando de volta no páreo dos casamentos e, se assim fosse, deviam estar desesperados para desencalhá-la, chegando ao ponto de renunciar a um título em favor do dinheiro dele.

Porém, a possibilidade pareceu-lhe tão improvável que Ian descartou-a. Era óbvio que a carta não passava de uma brincadeira estúpida, certamente perpetrada por alguém que se lembrava dos rumores que haviam eclodido durante a festa, naquele fim de semana distante... Alguém imaginara que ele talvez achasse graça na mensagem.

Afastando tanto o remetente como Elizabeth Cameron dos pensamentos, Ian voltou-se para o atormentado secretário, que continuava escrevendo freneticamente.

— Não é necessário responder a esta aqui — disse, atirando a carta sobre a escrivaninha, na direção do rapaz.

Entretanto, a folha de papel deslizou na superfície polida da mesa de carvalho e flutuou para o chão. Desajeitado, Peters tentou apanhá-la no ar, mas, ao se inclinar, levou consigo todas as outras cartas, que se esparramaram no chão.

— Si-sinto muito, senhor — gaguejou, ajoelhando-se enquanto tentava juntar as dezenas de folhas espalhadas pelo carpete. — Sinto muito mesmo, Sr. Thornton — acrescentou ele, amontoando com gestos nervosos todos os contratos, convites e cartas numa única pilha desordenada.

Mas o patrão nem parecia ouvi-lo. Já disparava mais instruções enquanto lhe passava, por cima da mesa, o restante da correspondência aberta.

— Recuse os três primeiros convites — dizia Ian —, aceite o quarto, recuse o quinto. Envie minhas condolências a este aqui. Para este outro, explique que

estarei na Escócia e mande um convite para que me encontre lá, juntamente com as instruções para chegar ao chalé.

Agarrando a papelada contra o peito, Peters esticou a cabeça do outro lado da mesa.

— Sim, Sr. Thornton! — disse, esforçando-se para demonstrar confiança. Mas era difícil ser confiante quando se estava de joelhos e, ainda pior, quando não se tinha muita certeza de quais das instruções daquela manhã deveriam seguir com quais convites ou cartas.

Ian Thornton ficou o restante da tarde enclausurado com Peters, ditando mais palavras ao já sobrecarregado secretário.

Depois, passou parte da noite em companhia do Conde de Melbourne, seu futuro sogro, discutindo o contrato de seu noivado com a filha do conde, que estava em negociações.

Peters, por sua vez, passou aquela mesma noite tentando descobrir, com a ajuda do mordomo, quais convites seu patrão aceitaria ou rejeitaria.

Capítulo 2

Com a ajuda do laçao, que acumulava a função de cavalariaço quando a ocasião assim exigia (o que acontecia com frequência), Lady Elizabeth Cameron, Condessa de Havenhurst, desmontou de sua velha égua.

— Obrigada, Charles — disse, sorrindo com afeição para o criado idoso.

Naquele momento, a jovem condessa não se assemelhava sequer remotamente à imagem convencional de uma mulher da nobreza, ou mesmo à de uma dama da sociedade. Seus cabelos estavam cobertos por um lenço azul, amarrado à nuca; o vestido era simples, sem adornos e até mesmo um pouco antiquado; e, sob o braço, carregava a cesta trançada que costumava levar quando ia às compras no vilarejo. Porém, nem mesmo o traje rústico, a velha égua ou a cesta debaixo do braço conseguiam fazer com que Elizabeth Cameron parecesse “comum”. Sob o lenço, os cabelos dourados e reluzentes caíam em uma elegante desordem sobre seus ombros e suas costas; soltos, como costumavam ficar, emolduravam um rosto de notável beleza. As maçãs do rosto eram delicadamente esculpidas; a pele, suave e viçosa; os lábios, generosos e macios. Mas eram os olhos seu traço mais admirável: emoldurados por sobrancelhas delicadas e por longos cílios curvos, eram vívidos, de uma cor verde luminosa.

Não eram cor de avelã ou esverdeados, mas verdes, expressivos, reluzindo como esmeraldas quando ela estava feliz, ou escurecidos, quando se entristecia.

Esperançoso, o laçao espiou o conteúdo da cesta, embrulhado em papel,

mas Elizabeth balançou a cabeça com um sorriso pesaroso.

— Não vai encontrar tortas aí dentro, Charles. Estavam caras demais e o Sr. Jenkins não quis ser sensato. Eu disse que levaria uma dúzia, mas, mesmo assim, não baixou sequer um centavo. Por isso, recusei-me a comprar uma só que fosse. Por uma questão de princípios. Sabia — confidenciou ela, com um risinho — que, quando ele me viu entrando no armazém, na semana passada, foi esconder-se atrás dos sacos de farinha?

— É um covarde! — exclamou Charles, sorrindo. Era fato conhecido entre os comerciantes que Elizabeth Cameron espremia o máximo de cada xelim e que, quando se tratava de pechinchar, o que sempre acontecia, era difícil vencê-la.

Era a inteligência, não a beleza, a maior arma de Elizabeth nessas transações, pois não apenas fazia contas de cabeça, como também se mostrava encantadoramente razoável e inventiva quando formulava seus argumentos para conseguir um preço melhor. Assim, costumava vencer seus oponentes ou confundia-os até que concordassem com ela.

Suas preocupações com dinheiro não se limitavam às compras no vilarejo; praticava a mesma economia em quase tudo o que se referia a Havenhurst, com métodos sempre bem-sucedidos. Aos 19 anos, carregando sobre os jovens ombros a responsabilidade da pequena propriedade de sua família e dos dezoito dos noventa antigos empregados, ela conseguia fazer o possível e o impossível com a limitada ajuda financeira do tio rabugento: manter Havenhurst longe das garras do leiloeiro, além de alimentar e vestir os criados que haviam permanecido.

O único “luxo” a que Elizabeth permitia-se era a Srta. Lucinda Throckmorton-Jones, sua dama de companhia de longa data, que agora recebia um salário bastante reduzido. Embora Elizabeth se sentisse perfeitamente capaz de morar sozinha em Havenhurst, sabia que, se o fizesse, o pouco que restara de sua reputação se esvairia por completo.

Elizabeth entregou a cesta ao lacaios e disse, animada:

— Em vez de tortas, comprei morangos. O Sr. Thergood é mais razoável do que o Sr. Jenkins. *Ele*, sim, concorda que, quando uma pessoa compra

várias unidades de qualquer coisa, o mais racional é que pague menos por cada uma.

Charles coçou a cabeça diante desses pensamentos complicados demais para ele, mas tentou fazer-se de entendido.

— É claro — concordou, levando o cavalo pela rédea. — Qualquer tolo pode entender uma coisa dessas.

— É *exatamente* o que penso — disse Elizabeth, antes de se virar e subir correndo os degraus da frente, já decidida a ir trabalhar nos livros de contabilidade.

Bentner, o velho mordomo de postura rígida e impecável, abriu-lhe a porta e, num tom de quem está prestes a explodir de alegria, mas é digno demais para demonstrar, anunciou:

— Uma *visita* a aguarda, Srta. Elizabeth.

Por um ano e meio, não houvera qualquer visitante em Havenhurst, e não era de se admirar que Elizabeth sentisse uma enorme satisfação, que foi logo seguida de confusão. Não poderia ser mais um credor, pois ela pagara a todos quando vendera os objetos mais valiosos de Havenhurst, bem como a maior parte da mobília.

— Quem é? — perguntou, entrando no vestíbulo e desamarrando o lenço.

Um sorriso iluminou o rosto de Bentner.

— É Alexandra Lawrence! Isto é... Townsende — corrigiu-se, ao lembrar que a visitante agora era casada.

A incredulidade, mesclada com a alegria, manteve Elizabeth imóvel por uma fração de segundo. Depois, virou-se e disparou na direção da sala de estar, correndo de maneira pouco condizente com uma dama, enquanto tirava o lenço da cabeça. Parou abruptamente na porta, o lenço solto entre os dedos, os olhos fixos na linda jovem de cabelos castanhos que a esperava no centro da sala. Alexandra, que usava um elegante traje de viagem vermelho, virou-se. As duas se entreolharam e, ao mesmo tempo, seus lábios abriram-se num amplo sorriso.

— *Alex*? É você mesma? — A voz de Elizabeth mal passava de um sussurro repleto de admiração, espanto e pura alegria.

A jovem assentiu, seu sorriso alargando-se.

Ficaram observando-se por um momento, incertas, cada uma reparando nas grandes mudanças da outra no decorrer daquele ano e meio, cada uma imaginando, com uma pontada de apreensão, se tais mudanças haviam sido muito profundas. No silêncio da sala, os laços da amizade de infância e a afeição duradoura começaram a se estreitar entre elas, forçando-as a dar um passo hesitante, depois outro e, de repente, ambas corriam para o esperado encontro num abraço apertado, rindo e chorando de alegria.

— Ah, Alex, você está maravilhosa! Senti tanto a sua falta! — Elizabeth ria, tornando a abraçá-la.

Para a sociedade, “Alex” era Alexandra, Duquesa de Hawthorne, mas, para Elizabeth, era apenas sua melhor amiga, a amiga que estivera afastada numa longa viagem de lua de mel e que, provavelmente, ainda não ouvira falar sobre a terrível confusão em que Elizabeth encontrava-se.

Levando-a para o sofá, Elizabeth deu início a uma torrente de perguntas:

— Quando voltou de viagem? Você está feliz? O que a traz aqui? Por quanto tempo pode ficar?

— Também senti saudades — falou Alex, rindo, e começou a responder às perguntas na ordem em que haviam sido feitas. — Voltamos há três semanas. Estou *absurdamente* feliz. Vim aqui para vê-la, é claro, e posso ficar por alguns dias, se você quiser.

— É evidente que eu quero! — disse Elizabeth, feliz. — Não tenho nada planejado, exceto por hoje: estou esperando a visita de meu tio.

Na verdade, a agenda social de Elizabeth estava completamente vazia pelos doze meses seguintes, e as visitas ocasionais do tio representavam algo *pior* do que não ter nada a fazer. Porém, nada daquilo importava agora. Elizabeth estava tão feliz em ver a amiga que não conseguia parar de sorrir.

Como costumavam fazer quando eram mais novas, ambas tiraram os sapatos, cruzaram as pernas sob o corpo e passaram horas conversando com a fácil intimidade de almas irmãs que, embora separadas pelo tempo, mantinham-se eternamente unidas pelas lembranças — felizes, ternas e tristes — da infância.

— Lembra-se — perguntou Elizabeth, rindo, quase duas horas depois — daqueles deliciosos campeonatos de brincadeira que havia nas festas de aniversário da família de Mary Ellen?

— Nunca vou me esquecer — concordou Alex, sorrindo com as lembranças.

— Você sempre me derrubava do cavalo quando competíamos na justa — disse Elizabeth.

— Sim, mas você ganhava todos os torneios de tiro. Pelo menos até seus pais descobrirem e decretarem que você já era crescida e refinada demais para continuar participando das festas... — Alex ficou séria. — Sentimos muito sua falta depois disso.

— Não tanto quanto senti a de vocês. Sempre sabia os dias em que as competições iriam acontecer e ficava andando por aqui, desanimada, imaginando como vocês estariam se divertindo. Então, Robert e eu decidimos começar nossos próprios torneios. Obrigávamos todos os criados a participar — riu Elizabeth, recordando-se de si mesma e do meio-irmão naqueles dias distantes.

Depois de um instante, o sorriso de Alex desapareceu.

— *Onde* está Robert? Você ainda não me falou sobre ele.

— Ele... — Elizabeth hesitou, sabendo que não poderia falar sobre o desaparecimento do irmão sem revelar todos os fatos que o precederam. Por outro lado, havia algo nos olhos solidários de Alexandra que a fez se perguntar, relutante, se a amiga já saberia de toda a terrível história. Pragmática, completou: — Robert desapareceu há um ano e meio. Imagino que tenha algo a ver com... dívidas. Mas não vamos falar sobre isso — acrescentou, impaciente.

— Muito bem — concordou Alex, o sorriso agora falsamente animado. — Então, sobre o que vamos falar?

— De você — respondeu Elizabeth, prontamente.

Alex era mais velha que Elizabeth, e o tempo voou enquanto lhe contava sobre o casamento e o marido, a quem, obviamente, adorava. Elizabeth ouvia com atenção as descrições dos maravilhosos lugares que a amiga conhecera

por todo o mundo em sua viagem de lua de mel.

— Conte-me como está Londres — Elizabeth pediu quando o assunto sobre cidades estrangeiras esgotou-se.

— O que quer saber? — perguntou a amiga, séria.

Elizabeth inclinou-se para a frente para fazer as perguntas que mais lhe interessavam, porém o orgulho impediu-a de formulá-las.

— Ah... Nada em particular — mentiu. “Queria saber se meus amigos me ridicularizam, se me condenam ou, pior, se têm pena de mim”, pensou. “Quero saber se correm rumores de que estou à beira da miséria e, acima de tudo, por que ninguém se deu ao trabalho de me fazer uma visita ou escrever uma carta.”

Um ano e meio antes, quando debutara na sociedade, Elizabeth logo fizera sucesso. Os pedidos de casamento alcançaram um número recorde. Agora, aos 19 anos, era uma espécie de pária dessa mesma sociedade que antes a imitara, louvara e mimara. Ela quebrara as regras e, com isso, tornara-se o centro de um escândalo que se alastrou pela aristocracia com a rapidez de um incêndio.

Enquanto olhava para a amiga, suspeitando dela, Elizabeth pensava se os membros da alta sociedade sabiam de toda a história ou apenas do escândalo; se ainda falavam sobre o assunto ou se já o haviam esquecido. Alex partira em sua longa viagem pouco antes de tudo acontecer, e Elizabeth calculava se teria ouvido rumores após seu retorno.

As perguntas martelavam em sua mente, desesperadas para serem verbalizadas, mas ela não podia se arriscar por dois motivos: em primeiro lugar, as respostas, quando viessem, poderiam fazê-la chorar, e ela não se entregaria às lágrimas; em segundo, para fazer as perguntas que tanto queria, teria de primeiro contar à amiga tudo o que acontecera. E a verdade nua e crua era que Elizabeth sentia-se solitária e magoada demais para correr o risco de também ser abandonada por Alex.

— O que você quer saber? — indagou Alex com um sorriso propositalmente carinhoso nos lábios, um sorriso esboçado a fim de ocultar a pena e a tristeza que sentia por sua orgulhosa amiga.

— Qualquer coisa! — respondeu Elizabeth prontamente.

— Bem, então... — começou Alex, ansiosa por apagar a sombra das perguntas dolorosas e silenciosas que pairavam no ar. — Lorde Dusenberry acabou de ficar noivo de Cecelia Lacroix!

— Que bom! — afirmou Elizabeth, com sincera felicidade, sorrindo. — Ele tem posses e é de uma das melhores famílias.

— É um conquistador inveterado e vai arrumar uma amante menos de um mês depois de se casar — retrucou Alex com a objetividade que sempre chocava e deliciava Elizabeth.

— Espero que você esteja enganada.

— Não estou. Mas, se você acha que sim, que tal fazermos uma aposta? — Alex prosseguiu, tão contente em ver o brilho ressurgir nos olhos de Elizabeth que falou sem pensar: — Digamos... trinta libras?

De repente, Elizabeth não pôde mais suportar a incerteza. Precisava saber se fora a lealdade que levara Alex até ali ou se a amiga acreditava, erroneamente, que ela continuava sendo a jovem mais requisitada de Londres. Encontrando os olhos azuis de Alex, falou com tranquila dignidade:

— Não tenho trinta libras, Alex.

Alex retribuiu-lhe o olhar sombrio, tentando afastar as lágrimas de solidariedade.

— Eu sei — disse.

Elizabeth aprendera a lidar com a adversidade implacável, aprendera a esconder o medo mantendo a cabeça erguida. Agora, diante da bondade e da lealdade da amiga, quase deu vazão às lágrimas que a tragédia não conseguira lhe arrancar. Mal conseguindo vencer o nó em sua garganta, murmurou:

— Obrigada.

— Não há nada a agradecer. Fiquei sabendo de toda aquela história sórdida e não acredito em uma só palavra! Além disso, quero que você passe a temporada em Londres conosco. — Inclinando-se, Alex tomou a mão da amiga entre as suas. — Em nome de seu orgulho, você tem de enfrentá-los, Elizabeth, e eu vou ajudá-la. Melhor ainda: vou convencer a avó de meu marido a favorecê-la com a influência *dela*. Acredite — finalizou com

veemência, embora sorrisse —, ninguém se *atreverá* a ignorá-la se contar com o apoio da duquesa-mãe.

— Pare, Alex, por favor. Você não sabe o que está dizendo. Mesmo que eu estivesse disposta, e não estou, ela jamais concordaria. Não a conheço, mas ela certamente sabe *tudo* a meu respeito... Ou seja, o que dizem sobre mim.

Alex sustentou firmemente o olhar dela.

— Você está certa sobre uma coisa: ela soube dos rumores enquanto eu estava fora. Entretanto, conversei com ela sobre o assunto, e a duquesa-mãe está disposta a se encontrar com você e, depois disso, tomar uma decisão. Ela vai adorá-la tanto quanto eu, Elizabeth. E, quando isso acontecer, moverá céu e terra para fazer a sociedade aceitá-la.

Elizabeth balançou a cabeça, engolindo em seco o nó que se formara em sua garganta, em parte por gratidão, em parte por humilhação.

— Agradeço muito, Alex. Mas eu não suportaria.

— Pois eu já tomei a decisão — avisou Alex com gentileza. — Meu marido respeita meu julgamento e não tenho dúvida de que vai concordar. E quanto aos vestidos para a temporada, tenho muitos que ainda não usei e vou lhe emprestar...

— Não, absolutamente! Por favor, Alex — implorou Elizabeth, percebendo quão ingrata soava —, pelo menos me deixe manter um mínimo de orgulho. Além disso — acrescentou, com um leve sorriso —, não sou tão azarada quanto pareço. Tenho você. E tenho Havenhurst.

— Eu sei. E também sei que você não pode passar o resto da vida aqui. Não precisa ir a festas quando estiver em Londres se não quiser, mas lá poderemos passar mais tempo juntas. Senti muito sua falta.

— Você estará ocupada demais para isso — retrucou Elizabeth, lembrando-se do redemoinho de compromissos sociais que marcavam a temporada.

— Nem tanto — disse Alexandra, com um brilho misterioso nos olhos. — Estou grávida.

Elizabeth envolveu a amiga num abraço apertado.

— Então eu irei! — concordou antes que pudesse pensar melhor. — Mas

ficarei na casa do meu tio, se ele não for ocupá-la.

— Na minha casa — reafirmou Alex, enérgica.

— Veremos — respondeu Elizabeth no mesmo tom. E acrescentou, encantada: — Um bebê!

— Com licença, Srta. Alex. — interrompeu Bentner, voltando-se para Elizabeth, hesitante: — Seu tio acabou de chegar — disse. — Quer falar com a senhorita *imediatamente*, no escritório.

Pensativa, Alex olhou para o mordomo e, depois, para Elizabeth.

— Havenhurst me pareceu um pouco deserta quando cheguei — disse. — Quantos criados há aqui?

— Dezoito. Antes de Robert partir, eram quarenta e cinco, dos noventa que tínhamos, mas meu tio os dispensou. Disse que não precisávamos deles e, depois de examinar os livros contábeis, afirmou que seria impossível arcarmos com despesas de casa e comida para todos. De qualquer forma, dezoito permaneceram. — Olhou para Bentner e sorriu, concluindo: — Eles passaram a vida toda em Havenhurst. Aqui também é a casa deles.

Levantando-se, Elizabeth afastou a apreensão que a invadia, um reflexo automático diante da perspectiva de um confronto com o tio.

— Não vou demorar — disse. — Tio Julius não gosta de ficar aqui por mais tempo do que o estritamente necessário.

Bentner abaixou-se para pegar a bandeja de chá, observando Elizabeth sair. Depois, voltou-se para a Duquesa de Hawthorne, a quem conhecia desde que era uma garotinha travessa.

— Com a licença de Vossa Graça — começou, formalmente, a face bondosa repleta de preocupação —, será que eu poderia dizer quanto estou feliz com sua presença, especialmente agora que o Sr. Cameron acabou de chegar?

— Ora, obrigada, Bentner. Fico muito contente em tornar a vê-lo também. Há algo particularmente inoportuno na visita do Sr. Cameron?

— Ao que parece, talvez. — Bentner foi até a porta, espiou na direção do vestíbulo, e então voltou. — Nem Aaron, nosso cocheiro, nem eu gostamos do jeito do Sr. Cameron hoje. E tem mais uma coisa — acrescentou,

levantando a bandeja —, nenhum de nós permaneceu aqui por apego a Havenhurst. — Um rubor de embaraço ardeu-lhe na face e a voz tornou-se embargada de emoção. — Ficamos por causa de nossa jovem senhora... Somos tudo o que restou a ela, a senhora entende.

O emocionado voto de lealdade fez os olhos de Alex se encherem de lágrimas, mesmo antes de Bentner acrescentar:

— Não podemos permitir que o tio dela a magoe, como sempre faz.

— Mas não há nenhuma maneira de detê-lo?

O mordomo endireitou o corpo e respondeu, com dignidade:

— De minha parte, sou favorável a atirá-lo da Ponte de Londres. Aaron, no entanto, acha melhor envenená-lo.

Havia raiva e frustração naquelas palavras, mas nenhuma ameaça verdadeira. Alex respondeu com um sorriso conspiratório:

— Creio que prefiro seu método, Bentner. É bem mais higiênico.

Alexandra fizera o comentário em tom de brincadeira, e a resposta de Bentner foi uma reverência formal, mas, quando trocaram um rápido olhar, ambos reconheceram a mensagem silenciosa que partilharam. O mordomo a informara de que, se a ajuda dos criados fosse necessária em qualquer situação no futuro, a duquesa poderia contar com sua lealdade total e inquestionável. E a resposta da duquesa assegurara que, longe de se ressentir com sua intromissão, ela agradecia a informação e a guardaria para o caso de tal ocasião se apresentar.

Capítulo 3

Julius Cameron levantou o olhar quando a sobrinha entrou no escritório e estreitou os olhos, contrariado. Mesmo agora, sendo pouco mais do que uma órfã empobrecida, havia uma graça régia na postura de Elizabeth e um orgulho teimoso na maneira como empinava o queixo. Estava com dívidas até o pescoço e mergulhava mais fundo nelas a cada mês, mas continuava andando com a cabeça erguida, exatamente como seu pai arrogante e irresponsável. Aos 35 anos, o pai de Elizabeth morrera num acidente de barco, juntamente com a mãe dela, e, já nessa época, havia perdido no jogo parte substancial de sua herança e hipotecado, em segredo, suas terras. Mesmo assim, continuara exibindo arrogância e vivendo, até o último dia, como um aristocrata privilegiado.

Na condição de filho mais novo do Conde de Havenhurst, Julius não herdara título, riqueza ou terras de grande valor, mas conseguira, à custa de infatigável trabalho e estrita frugalidade, acumular uma fortuna razoável. Contentara-se em prover apenas suas necessidades mais básicas no incessante esforço de melhorar de vida; abstivera-se do *glamour* e das tentações da sociedade não somente devido à incrível despesa que isso representava, mas também por se recusar a depender dos caprichos da nobreza.

Após tantos sacrifícios e a vida espartana que tivera ao lado da esposa, o destino ainda tramava contra ele, pois sua mulher era estéril. Para sua imensa amargura, não teria um herdeiro para sua fortuna e suas terras — nenhum herdeiro exceto o filho que Elizabeth gerasse depois de casada.

Agora, observando-a sentar-se no lado oposto da escrivaninha, à sua frente, Julius sentia-se atingido pela ironia de tudo aquilo com uma força dolorosa e renovada: ele passara a vida inteira trabalhando e economizando, e tudo o que conseguira fora refazer a fortuna do futuro neto de seu irmão inconsequente. E, como se isso não bastasse para enfurecê-lo, sobrara-lhe também a tarefa de limpar a sujeira que Robert, o meio-irmão de Elizabeth, deixara para trás quando desaparecera, há quase dois anos. Como consequência, agora cabia a Julius honrar as instruções que o pai de Elizabeth deixara por escrito e providenciar que ela se casasse com um homem que possuísse títulos e fortuna, se possível. Um mês atrás, quando iniciara sua busca por um marido adequado para a sobrinha, Julius imaginara que a tarefa seria bastante fácil. Afinal, quando Elizabeth debutara, um ano e meio antes, sua beleza, sua linhagem impecável e sua suposta riqueza lhe haviam assegurado um recorde de quinze propostas de casamento em apenas quatro semanas. Porém, para a surpresa de Julius, apenas três dos antigos pretendentes tinham remetido respostas afirmativas a ele, e vários outros nem sequer se incomodaram em responder. Naturalmente, não era segredo que agora Elizabeth estava falida, mas Julius oferecera um dote respeitável a fim de se ver livre da responsabilidade. Para ele, que enxergava tudo em termos financeiros, o valor do dote em si já era o bastante para torná-la desejável. Quanto ao escândalo sórdido que a envolvia, Julius sabia pouco e preocupava-se menos ainda. Desprezava a sociedade, bem como seus mexericos, frivolidades e excessos.

A voz de Elizabeth despertou-o de seus sombrios devaneios.

— O que o senhor deseja conversar comigo, tio Julius?

A animosidade, combinada ao ressentimento por imaginar o acesso de raiva que haveria de vir da sobrinha, o fez responder com mais brusquidão do que o normal:

— Vim aqui hoje para discutirmos seu casamento iminente.

— Meu... meu o quê? — ofegou ela, tão surpresa que a rígida máscara de dignidade caiu por um instante, fazendo-a parecer e sentir-se como uma criança desamparada, assustada e encurralada.

— Creio que você ouviu muito bem. — Recostando-se na cadeira, Julius acrescentou, no mesmo tom brusco: — Selecionei três homens. Dois deles possuem títulos; o terceiro, não. Uma vez que títulos de nobreza eram essenciais para seu pai, escolherei aquele com o mais alto grau, dentre os que fizerem a proposta de casamento. Ou seja, presumindo-se que *terei* alguma escolha.

— Como... — Elizabeth fez uma pausa para reorganizar os pensamentos antes de completar a pergunta: — Como o senhor selecionou esses homens?

— Pedi a Lucinda os nomes daqueles que, na época de sua apresentação à sociedade, apresentaram a Robert uma proposta de casamento. Ela me deu os nomes, e eu escrevi uma carta a cada um deles, afirmando seu desejo, e o meu, como seu guardião, de reconsiderá-los como possíveis maridos.

Elizabeth agarrou-se aos braços da cadeira, tentando controlar seu horror.

— Quer dizer — falou num murmúrio estrangulado — que o senhor fez um tipo de oferta pública da minha mão a qualquer um desses homens que estiverem dispostos a me aceitar?

— Sim! — disparou ele, eriçando-se diante da acusação implícita de que não se comportara de maneira condizente com a própria posição ou mesmo com a dela. — Além disso, talvez seja bom que saiba que a célebre atração do sexo oposto por você aparentemente chegou ao fim. Apenas três, dentre os quinze pretendentes, demonstraram interesse em renovar os laços com você.

Profundamente humilhada, Elizabeth mantinha os olhos fixos na parede atrás dele.

— Não consigo acreditar que o senhor tenha *realmente* feito isso.

Julius bateu com a mão sobre a mesa com toda a força.

— Agi dentro dos meus direitos, sobrinha, e de acordo com as instruções específicas de seu perdulário pai. Será que devo lembrá-la que, quando eu morrer, é o *meu* dinheiro que será legado ao seu marido e, depois, ao seu filho? *Meu* dinheiro.

Durante meses, Elizabeth tentara entender o tio. Em algum lugar de seu coração, compreendia a causa de toda aquela amargura e até solidarizava-se com ele.

— Eu gostaria que o senhor tivesse sido abençoado com um filho — disse, com a voz sufocada. — Mas eu não tenho culpa de que não tenha sido. Não lhe fiz mal algum, nunca lhe dei motivos para me odiar a ponto de fazer isso comigo... — A jovem calou-se ao ver a expressão do tio endurecer diante do que ele julgava tratar-se de uma súplica. Ergueu a cabeça, então, reunindo o pouco que restava de sua dignidade: — Quem são esses homens?

— Sir Francis Belhaven — respondeu ele, rapidamente.

Elizabeth encarou-o atônita e balançou a cabeça.

— Quando debutei, conheci centenas de pessoas, mas não me lembro desse nome.

— O segundo é Lorde John Marchman, Conde de Canford.

Novamente, ela meneou a cabeça.

— O nome soa vagamente familiar, mas não consigo relacioná-lo a um rosto.

Obviamente desapontado com aquela reação, Julius falou, irritado:

— Parece que você tem uma péssima memória. Se não consegue se lembrar de um cavaleiro ou de um conde, duvido que possa lembrar-se de um mero cavalheiro sem título — disse, sarcástico.

— Quem é o terceiro? — indagou ela, magoada com a ofensa gratuita.

— Sr. Ian Thornton. Ele é...

Aquele nome fez com que Elizabeth se levantasse com um pulo, enquanto uma onda de animosidade e terror perpassava-lhe o corpo inteiro.

— *Ian Thornton!* — gritou, apoiando-se com ambas as mãos na beirada da escrivaninha. — Ian Thornton! — repetiu, a voz erguendo-se ainda mais, num tom de raiva que beirava a histeria. — Meu tio, se Ian Thornton sequer discutiu a ideia de se casar comigo, foi *diante da mira da arma de Robert!* Seu interesse por mim nunca incluiu o casamento, e Robert duelou com ele justamente por causa de seu comportamento. Na verdade, Robert *atirou* nele!

Em vez de ceder ou mostrar preocupação, Julius limitou-se a olhá-la com fria indiferença. Elizabeth insistiu, enfática:

— O senhor compreende?

— O que eu compreendo — respondeu ele, ruborizando — é que Ian

Thornton enviou uma resposta afirmativa à minha carta e foi bastante cordial. Talvez esteja arrependido de seu comportamento no passado e desejoso de corrigir-se.

— Corrigir-se! — repetiu Elizabeth. — Não faço ideia se ele sente ódio ou apenas desprezo por mim, mas posso garantir ao senhor que *nunca* desejou casar-se comigo! É por causa dele que não posso mais aparecer na sociedade!

— Na minha opinião, você está bem melhor assim, longe da influência decadente daquela gente de Londres. Mas essa não é a questão... Ian Thornton aceitou meus termos.

— Que *termos*?

Acostumado à irritabilidade de Elizabeth, Julius respondeu, indo direto ao ponto:

— Cada um dos três candidatos concordou em recebê-la para uma breve visita, a fim de permitir que você decida qual deles é o mais adequado. Lucinda irá com você, como dama de companhia. Deve partir em cinco dias, dirigindo-se, primeiro, à casa de Belhaven, depois para Marchman e, por fim, à casa de Thornton.

A sala girava diante dos olhos de Elizabeth.

— Não posso *acreditar*! — explodiu ela e, em seu desespero, agarrou-se a uma última esperança: — Lucinda saiu de férias, as primeiras em muitos anos! Está em Devon, visitando a irmã.

— Então leve Berta no lugar dela e diga a Lucinda para se encontrar com você quando for para a casa de Thornton, na Escócia.

— Berta? Mas Berta é apenas uma criada! Minha reputação ficará em frangalhos se eu passar uma semana na casa de um homem acompanhada de uma simples criada em vez de uma dama de companhia.

— Pois não diga a ninguém que ela é uma criada — disparou Julius. — Já que na carta eu me referi a Lucinda Throckmorton-Jones como sua dama de companhia, você pode apresentar Berta como sua tia. Sem mais objeções, senhorita — concluiu. — O assunto está encerrado. Era tudo o que tínhamos a tratar neste momento. Pode se retirar.

— *Não* está encerrado! Houve algum engano terrível, estou lhe dizendo!

Ian Thornton jamais desejaria me ver novamente, menos ainda do que eu desejo revê-lo!

— Não há engano algum — afirmou Julius, finalizando a discussão. — Ian Thornton recebeu minha carta e aceitou nossa oferta. Até enviou instruções de como chegar à casa dele na Escócia.

— A oferta foi *sua* — gritou Elizabeth. — Não minha!

— Não vou mais discutir pequenos detalhes com você, Elizabeth. A conversa está encerrada.

Capítulo 4

Elizabeth atravessou o corredor lentamente, com a intenção de reencontrar Alexandra, mas seus joelhos tremiam com tanta violência que precisou parar e apoiar-se na parede. Ian Thornton... Em poucos dias, iria confrontar-se com Ian Thornton.

Aquele nome rodopiava em sua mente, fazendo a cabeça girar numa combinação de ódio, humilhação e pavor. Finalmente, endireitou o corpo e entrou numa saleta, atirou-se no sofá e permaneceu com os olhos fixos no retângulo mais claro no papel de parede, onde antes estivera uma pintura de Rubens.

Elizabeth não acreditava, nem por um instante, que Ian Thornton alguma vez tivesse cogitado casar-se com ela e não conseguia imaginar quais possíveis motivos ele teria agora para aceitar a oferta ultrajante de seu tio. Fora tola, ingênua e boba no que se referia a ele.

Agora, enquanto recostava a cabeça e fechava os olhos, mal acreditava que pudera ser tão imprudente — ou tão descuidada — quanto fora naquele fim de semana em que o conhecera. Tinha toda a certeza de que seu futuro seria brilhante, mas, na época, não havia razão para pensar o contrário.

A perda dos pais, quando tinha apenas 11 anos, fora um período sombrio para Elizabeth, mas Robert estivera ao seu lado, confortando-a, animando-a e prometendo que tudo ficaria bem novamente. Robert era oito anos mais velho que ela e, embora fosse filho do primeiro casamento de sua mãe, portanto seu meio-irmão, Elizabeth adorava-o e sempre confiou nele. Seus

pais viajavam com tanta frequência que mais pareciam agradáveis visitantes, entrando e saindo de sua vida três ou quatro vezes por ano, levando-lhe presentes e desaparecendo pouco tempo depois, numa nuvem de alegres despedidas.

Exceto pela morte dos pais, a infância de Elizabeth fora extremamente prazerosa. Seu espírito risonho a transformara na queridinha de todos os criados, que faziam tudo por ela. O cozinheiro dava-lhe doces; o mordomo ensinou-a a jogar xadrez; Aaron, o chefe dos cocheiros, ensinou-a a jogar cartas e, anos mais tarde, a usar uma pistola, para o caso de ela precisar se proteger.

Porém, entre todos os seus “amigos” em Havenhurst, aquele com quem Elizabeth passava mais tempo era Oliver, o jardineiro-chefe, que fora trabalhar ali quando ela tinha 11 anos. Um homem calado e de olhos bondosos, Oliver cuidava da estufa e dos canteiros de Havenhurst, conversando suavemente com suas mudas e plantas.

— As plantas precisam de carinho — explicara certa vez, quando Elizabeth surpreendeu-o dizendo palavras encorajadoras a uma enfraquecida violeta na estufa —, exatamente como as pessoas. Experimente — convidou-a, meneando a cabeça na direção da planta. — Diga alguma coisa animadora para essa linda violeta.

Elizabeth sentira-se um pouco tola, mas seguira as instruções, pois a habilidade de Oliver como jardineiro era inquestionável — os jardins de Havenhurst haviam melhorado de forma impressionante em poucos meses, desde que ele começara a trabalhar lá. Então, a menina inclinara-se para a violeta e, do fundo do coração, dissera:

— Espero que você se recupere logo e fique linda como antes! — Afastou-se um pouco, esperando, ansiosa, que as folhas amareladas se erguessem para o sol.

— Já dei a ela uma dose do meu remédio especial — informou Oliver, movendo com cuidado o vaso para a prateleira na qual deixava todas as pacientes adoentadas. — Volte daqui a alguns dias e verá como ela estará ansiosa para mostrar-lhe como se sente melhor. — Oliver, como Elizabeth

percebeu mais tarde, chamava as plantas que davam flores de “ela” e as demais de “ele”.

No dia seguinte, Elizabeth fora à estufa, mas a violeta continuava tão triste quanto antes. Cinco dias depois, já esquecida da planta, voltara apenas para dividir algumas tortas com Oliver.

— Sua amiga está ali, esperando para vê-la, senhorita — disse o jardineiro.

Ela se aproximou da prateleira e encontrou as delicadas flores da violeta erguendo-se, rígidas, nos frágeis caules, as folhas empertigadas.

— Oliver! — gritou, maravilhada. — Como você *conseguiu*?

— Foram as *suas* palavras bondosas, e um pouco do meu remédio, que a salvaram — respondeu ele e, como pôde ver o brilho de genuína fascinação nos olhos dela ou, talvez, porque quisesse distrair a garotinha órfã de suas tristezas, levou-a para dar uma volta pela estufa, ensinando-lhe o nome das plantas e mostrando-lhe os novos enxertos que estava fazendo.

Aquele dia marcou o início do duradouro caso de amor de Elizabeth com as plantas. Trabalhando ao lado de Oliver, com um avental amarrado na cintura para proteger o vestido, aprendera tudo o que ele podia ensinar sobre seus “remédios”, adubos e tentativas de enxertar as plantas umas às outras.

E, quando Oliver ensinou-lhe tudo o que ele sabia, Elizabeth passou a ensinar a ele, pois levava uma grande vantagem: ela sabia ler, e a biblioteca de Havenhurst fora o orgulho de seu avô. Assim, ela e Oliver sentavam-se lado a lado num banco do jardim até que a penumbra tornasse a leitura impossível, e Elizabeth lia em voz alta novos e antigos métodos para ajudar plantas a crescer mais fortes e vibrantes. Em cinco anos, o “pequeno” jardim de Elizabeth tomara a maior parte dos canteiros principais. E, onde quer que se ajoelhasse, armada com sua pazinha, as flores pareciam vicejar ao seu redor.

— Elas sabem que você gosta delas — disse Oliver certo dia, com um de seus raros sorrisos, quando Elizabeth ajoelhou-se num canteiro de coloridos amores-perfeitos. — E é assim que demonstram que também a amam: ficando lindas.

Quando a saúde de Oliver exigiu que ele se mudasse para um lugar de clima mais quente, Elizabeth sentiu imensamente sua falta e passava ainda

mais tempo no jardim. Ali, dava asas à imaginação, desenhando e dando vida a novos arranjos, recrutando lacaios e cavaleiros para ajudá-la a aumentar os canteiros, até que cobrissem uma parte recém-aterrada que tomava toda a extensão dos fundos da casa.

Além da jardinagem e da companhia dos criados, uma das grandes alegrias de Elizabeth era sua amizade com Alexandra Lawrence. Alex era a vizinha mais próxima e, embora um pouco mais velha, compartilhava com Elizabeth a mesma empolgação de passar horas contando arrepiantes histórias de fantasmas à noite, até as duas tremerem de medo, ou de ficar na casa da árvore, confidenciando segredos e sonhos.

Mesmo depois que Alex casou-se e partiu, Elizabeth não se considerava solitária, pois possuía algo que amava e que ocupava todos os seus sonhos e a maior parte de seu tempo: Havenhurst. Originalmente um castelo, incluindo um fosso e altas torres cercadas de pedras, Havenhurst fora a residência de uma ancestral de Elizabeth, uma viúva do século XII. O marido da viúva aproveitara sua influência sobre o rei e conseguira que várias cláusulas adicionais, pouco comuns na época, fossem anexadas ao legado de sucessão de Havenhurst. Tais cláusulas asseguravam que a propriedade pertenceria à sua esposa e aos seus sucessores pelo tempo que quisessem mantê-la, fossem eles homens ou mulheres.

Como resultado, aos 11 anos, quando seu pai morreu, Elizabeth tornara-se a Condessa de Havenhurst e, embora o título em si significasse muito pouco para ela, Havenhurst, com seu passado, significava tudo. Aos 17 anos, já estava tão familiarizada com a história de seu lar quanto com a de sua própria vida. Sabia tudo sobre os ataques que a propriedade sofrera, bem como os nomes dos agressores e as estratégias que os condes e as condessas haviam empregado para mantê-la a salvo. Sabia tudo o que havia para saber sobre os primeiros proprietários, seus feitos e fraquezas — desde o primeiro conde, cujas coragem e habilidade no campo de batalha o haviam transformado numa lenda (mas que, secretamente, temia a esposa), até o filho dele, o jovem conde cujo infeliz cavalo fora sacrificado por tê-lo derrubado enquanto praticava justa no estafermo, em Havenhurst.

O fosso fora tapado séculos atrás, as paredes do castelo haviam sido removidas e a mansão fora modificada e alargada até que chegasse à sua aparência pitoresca e desconexa de uma casa de campo que se assemelhava muito pouco, ou quase nada, à construção original. Porém, mesmo assim, graças aos pergaminhos e às pinturas guardados na biblioteca, Elizabeth sabia *exatamente* como era a antiga aparência do local, discernindo o fosso e as paredes de pedra. Talvez soubesse até onde ficava o estafermo.

Consequentemente, aos 17 anos, Elizabeth Cameron era bem diferente da maioria das jovens bem-nascidas. Extraordinariamente culta, equilibrada e dona de uma praticidade que se evidenciava a cada dia, ela já estava até aprendendo com o meirinho a administrar sua propriedade com eficiência. Cercada de pessoas em quem confiava durante toda a vida, era detentora de um otimismo ingênuo, acreditando que todas as pessoas eram boas e dignas como ela própria e os outros moradores de Havenhurst.

Assim, naquele fatídico dia em que Robert chegara inesperadamente e, depois de arrastá-la para longe das rosas que estava colhendo, informou-a, com um largo sorriso, de que ela iria debutar na sociedade, em Londres, dali a seis meses, não era de se admirar que Elizabeth reagisse com prazer e sem medo algum de enfrentar quaisquer dificuldades.

— Está tudo acertado — disse Robert, animado. — Lady Jamison concordou em ser sua madrinha, como um tributo à memória de nossa mãe. Esse negócio vai nos custar caro, mas valerá a pena.

Elizabeth encarou-o, surpresa.

— Você nunca mencionou o preço de nada antes. Não estamos em dificuldades financeiras, não é, Robert?

— Não estamos mais — mentiu ele. — Temos uma fortuna, bem aqui em nossas mãos, só que eu ainda não havia percebido.

— Onde? — indagou ela, completamente confusa com tudo o que ouvia, além de ser invadida por uma sensação incômoda.

Rindo, Robert levou-a para a frente do espelho e, segurando-lhe o rosto entre as mãos, a fez encarar a própria imagem. Depois de lançar um olhar intrigado ao irmão, Elizabeth olhou-se no espelho e também riu.

— Por que não me avisou que estou com o rosto sujo de terra? — perguntou, esfregando a mancha com a ponta do dedo.

— Elizabeth — disse ele, com um risinho —, isso é tudo o que você vê no espelho, uma mancha de terra?

— Não. Vejo meu rosto também — respondeu ela.

— E o que lhe parece?

— Parece meu rosto — retrucou ela, com divertida exasperação.

— Elizabeth, seu rosto é a nossa fortuna! — exclamou Robert. — Eu nunca tinha pensado nisso, até ontem, quando Bertie Krandell me falou sobre a esplêndida proposta que sua irmã acabara de receber de Lorde Cheverley.

Elizabeth estava atônita.

— Sobre o que você está falando?

— Sobre seu casamento — explicou ele, com seu sorriso despreocupado. — Você é muito mais bonita do que a irmã de Bertie. Com este rosto, e Havenhurst como dote, poderá conseguir um casamento capaz de alvoroçar toda a Inglaterra. Um casamento que lhe trará joias, vestidos e belas propriedades; e, *a mim*, contatos que serão mais valiosos do que o dinheiro. Além disso — brincou —, se por acaso eu passar por alguma dificuldade em algum momento, sei que você não me deixará faltar dinheiro... Poderá tirar da sua mesada.

— Nós *estamos* com problemas financeiros, não é? — insistiu Elizabeth, preocupada demais com o problema para pensar em seu *début* em Londres.

Robert desviou o olhar e, com um suspiro cansado, fez um gesto para que fossem sentar no sofá.

— Estamos numa situação um pouco crítica — admitiu.

Elizabeth podia ter apenas 17 anos, mas sabia quando ele a estava enganando. E, pela maneira como o irmão olhou para ela, suspeitava que era exatamente isso que ele estava fazendo.

— Na verdade — admitiu ele, relutante —, nossa situação é muito crítica. Muito, mesmo.

— Mas como? — perguntou ela e, apesar de sentir uma onda de temor invadi-la, conseguiu manter-se calma.

O rosto de Robert tingiu-se com o rubor causado pelo embaraço.

— Em primeiro lugar, nosso pai deixou uma quantidade assombrosa de dívidas, algumas delas de jogo. Eu próprio acumulei algumas poucas dívidas do tipo. Nestes últimos anos, consegui lidar com os credores, tanto os dele como os meus, da melhor maneira que pude, mas eles estão ficando impacientes. E não é só isso. Havenhurst nos custa uma fortuna, Elizabeth. Há muito tempo que nossa renda não corresponde às despesas, se é que algum dia isso aconteceu. O resultado é que estamos mergulhados em dívidas até o pescoço. E teremos de hipotecar até objetos da casa para pagar algumas delas ou nenhum de nós poderá mostrar a cara em Londres novamente. Mas isso não é o pior: Havenhurst pertence a você, não a mim, mas, se você não conseguir um bom casamento, muito em breve acabará perdendo-a para os credores.

A voz de Elizabeth vacilou, ocultando a torrente de medo e incredulidade que tomava conta dela:

— Você acabou de dizer que uma temporada em Londres custa uma fortuna, e é óbvio que não temos como pagar — afirmou, pragmática.

— Os credores nos darão uma trégua no instante em que souberem que você está noiva de um homem de posses e títulos. E eu prometo que você não terá dificuldade em encontrar um.

Elizabeth achou o plano muito frio e mercenário, porém Robert balançou a cabeça. Dessa vez, era ele quem se mostrava mais prático.

— Você é mulher, minha querida, e sabe que terá de se casar... Todas as mulheres precisam casar. Mas não encontrará ninguém aceitável se continuar enfurnada aqui em Havenhurst. *Não* estou sugerindo que concordemos com qualquer proposta. Escolherei alguém por quem você possa desenvolver forte afeição. Negociarei um noivado longo, levando em conta sua pouca idade — prometeu ele, sincero. — Nenhum homem respeitável apressará uma jovem de 17 anos para o matrimônio antes de ela estar pronta. É o único jeito, Elizabeth — acrescentou ao vê-la disposta a argumentar.

Embora sempre tivesse sido protegida, Elizabeth sabia que a expectativa de Robert em relação a seu casamento era o correto. Antes de morrer, seus pais

deixaram bem clara a obrigação da filha em se casar de acordo com os desejos da família. Nesse caso, seu meio-irmão tinha agora a missão de selecionar o pretendente, e sua confiança nele era irrestrita.

— Ora, anime-se! — disse Robert. — Será que nunca sonhou em usar lindos vestidos e ser cortejada por belos rapazes?

— Algumas vezes, talvez — admitiu ela, com um sorrisinho encabulado, mas era uma afirmação modesta. Afinal, era uma jovem normal, saudável e cheia de vontade de amar e ser amada. E também lera sua cota de romances. As últimas palavras de Robert eram bem interessantes. — Pois bem — disse, com uma risadinha —, vamos tentar.

— Temos de fazer mais do que *tentar*, Elizabeth. Temos de conseguir. Do contrário, você terminará como uma pobre governanta cuidando dos filhos de alguém, em vez de ser uma condessa, ou ocupar posição melhor, quem sabe, com seus próprios filhos. Quanto a mim, posso acabar na cadeia por causa das dívidas.

A imagem do irmão numa cela escura e a dela sem Havenhurst eram suficientes para fazê-la concordar com qualquer coisa.

— Deixe tudo por minha conta — finalizou ele, e foi o que ela fez.

Nos seis meses seguintes, Robert dedicou-se a superar todos os obstáculos que pudessem evitar que Elizabeth causasse uma impressão espetacular no cenário londrino. Uma certa Sra. Porter fora contratada para treiná-la naquelas intrincadas habilidades sociais que não haviam sido ensinadas nem por sua mãe nem por sua governanta. Com a Sra. Porter, Elizabeth aprendeu que jamais deveria demonstrar que era inteligente, culta ou que nutria o mais vago interesse por horticultura.

Uma famosa e cara costureira de Londres foi escolhida para criar e confeccionar todos os vestidos que a Sra. Porter julgava necessários para a temporada.

A Srta. Lucinda Throckmorton-Jones, dama de companhia contratada por várias das debutantes mais bem-sucedidas das temporadas anteriores, foi para Havenhurst a fim de ocupar a posição de acompanhante de Elizabeth. Com cinquenta anos e grossos cabelos grisalhos, que prendia para trás num coque,

era dona de uma postura ereta, seu rosto tinha uma constante expressão de contrariedade, como se sentisse um cheiro desagradável, mas fosse educada demais para comentar. Além da aparência intimidadora da dama de companhia, Elizabeth reparou, pouco depois de seu primeiro encontro, que a Srta. Throckmorton-Jones tinha uma capacidade impressionante de permanecer sentada serenamente durante horas, sem mover sequer um dedo.

Elizabeth recusou-se a se sentir acuada com aquele comportamento rígido e tratou de encontrar uma forma de quebrar o gelo. De brincadeira, chamou-a de “Lucy” e, quando o apelido carinhoso e casual foi recebido com um olhar de profunda indignação, tentou encontrar outros meios. E logo descobriu: alguns dias depois que Lucinda mudou-se para Havenhurst, a dama entrou na imensa biblioteca e deparou com Elizabeth enroscada numa cadeira, entretida com um livro.

— Gosta de ler? — perguntou Lucinda, num misto de censura e surpresa ao ver o nome do autor gravado em letras douradas na capa de couro.

— Gosto, sim — respondeu Elizabeth, sorrindo. — E a senhorita?

— Já leu alguma coisa de Christopher Marlowe?

— Sim, mas prefiro Shakespeare.

A partir de então, tornou-se um hábito de todas as noites, após o jantar, conversarem sobre os méritos dos diferentes livros que ambas haviam lido. Não demorou muito para que Elizabeth percebesse que ganhara o relutante respeito da dama de companhia, embora fosse impossível ter certeza se ganhara também sua afeição, pois a única emoção que a dama já havia demonstrado fora raiva, e apenas uma vez, com um comerciante do vilarejo. Mesmo assim, fora uma exibição que Elizabeth nunca mais esqueceria. Brandindo o sempre presente guarda-chuva, Lucinda avançara contra o infeliz, expulsando-o da própria loja, enquanto seus lábios proferiam uma torrente da mais extraordinária, eloquente e afiada fúria que Elizabeth já testemunhara.

— Meu temperamento — informara Lucinda, afetada, à guisa de desculpas — é meu *único* defeito.

Na opinião de Elizabeth, Lucy havia reprimido todas as suas emoções

durante os anos em que passara quieta, perfeitamente sentada no sofá, até que finalmente explodiram, como aquelas montanhas sobre as quais lera, que despejavam lava quando a pressão da Terra chegava ao máximo.

Quando os Cameron, juntamente com Lucinda e os criados necessários, chegaram a Londres para o *début*, Elizabeth já aprendera tudo o que a Sra. Porter podia lhe ensinar e sentia-se capaz de enfrentar os desafios que lhe haviam sido descritos. Na verdade, além de memorizar as regras de etiqueta, estava um pouco perplexa com o enorme espalhafato que se fazia em torno daquilo. Afinal, aprendera a dançar nos seis meses em que se preparara para sua estreia e conversava desde que tinha três anos de idade. E, pelo que pudera concluir até então, suas únicas obrigações como debutante seriam conversar educadamente — apenas sobre assuntos triviais —, disfarçar sua inteligência a qualquer custo e dançar.

Um dia após Elizabeth e Robert se instalarem na casa alugada, a madrinha que a apresentaria à nata da sociedade, Lady Jamison, foi visitá-los levando as duas filhas, Valerie e Charise. Valerie era um ano mais velha que Elizabeth e debutara na temporada anterior. Charise era cinco anos mais velha — e a jovem viúva do velho Lorde Dumont, que batera as botas um mês após as núpcias, deixando a recém-casada com posses, aliviada e completamente independente.

Nas duas semanas antes do início da temporada, Elizabeth passara um tempo considerável com as ricas debutantes que se reuniam na sala de estar dos Jamison para fofocar alegremente sobre qualquer um. Todas elas foram a Londres com a mesma obrigação nobre e o mesmo objetivo incumbido por suas famílias: casar-se, de acordo com os desejos da família, com o pretendente mais rico que pudessem encontrar e, ao mesmo tempo, aumentar a fortuna e a posição social de sua família.

Foi naquela sala que a educação de Elizabeth se concluiu. Um pouco chocada, descobriu que a Sra. Porter estava certa a respeito dos nomes que caíam no esquecimento. Também soube que, aparentemente, a sociedade não considerava falta de educação discutir abertamente a situação financeira de uma pessoa — principalmente se o alvo da discussão fosse um cavalheiro

solteiro. Logo no primeiro dia, foi com dificuldade que conseguiu esconder a ignorância, suprimindo um arquejo de horror diante da conversa que se entabulava naquele momento.

— Lorde Peters é um excelente partido. Ora, ele tem uma renda de 20 mil libras e a probabilidade de ser nomeado herdeiro do baronato do tio, se este falecer devido à doença do coração, o que todos esperam que aconteça — anunciara uma das garotas.

Todas as outras também tinham uma opinião formada:

— Shoreham é dono de uma esplêndida propriedade em Wiltshire, e mamãe anda roendo as unhas na expectativa de que ele se declare. Imagine só... as esmeraldas dos Shoreham!

— Robelsly anda dirigindo uma linda caleça azul, mas papai diz que ele está com dívidas até o pescoço e que de maneira alguma devo considerá-lo um pretendente. Elizabeth, espere só até conhecer Richard Shipley! Não permita, em nenhuma circunstância, que ele a engane com seu charme; é um patife completo e, apesar de se vestir na última moda, não tem onde cair morto! — Este último aviso veio de Valerie Jamison, a quem Elizabeth elegera sua melhor amiga entre as garotas.

Ela aceitava de bom grado a amizade coletiva e também seus conselhos. Entretanto, sentia um crescente desconforto em relação a algumas de suas atitudes para com aqueles que julgavam inferiores — o que não era de se admirar em se tratando de uma jovem que tinha o mordomo e o cocheiro na conta de *seus iguais*.

Por outro lado, Elizabeth apaixonara-se por Londres, com suas ruas movimentadas, os parques impecáveis e o clima repleto de expectativa, e adorava ter amigas que, quando não estavam falando mal de alguém, eram excelente companhia.

Na noite de seu primeiro baile, no entanto, quase toda a alegria e toda a confiança de Elizabeth desapareceram. Ao subir as escadarias da casa dos Jamison, tendo Robert ao seu lado, sentiu-se subitamente invadida por um terror que jamais sentira. A cabeça girava com todas as regras que ela mal se dera ao trabalho de memorizar, e tinha uma certeza mórbida de que acabaria

recebendo o maior e mais famoso chá de cadeira da temporada. Porém, quando entrou no salão de baile, o cenário que a recebeu a fez se esquecer de todos os temores, e seus olhos, maravilhados, brilharam. Candelabros reluziam com centenas de velas; homens atraentes e mulheres com seus lindos vestidos deslizavam de um lado para outro, envoltos em sedas e cetins.

Sem reparar nos rapazes que se viravam para admirá-la, ergueu os brilhantes olhos verdes para o irmão sorridente.

— Robert — sussurrou, radiante —, alguma vez havia *imaginado* que existiam pessoas tão bonitas e salões tão grandiosos?

Trajando um fino vestido branco, bordado com fios dourados, com rosas brancas enfeitando os cabelos dourados e os olhos verdes reluzindo, Elizabeth Cameron parecia uma princesa de contos de fadas.

Estava encantada, e tal encantamento emprestava-lhe uma luminosidade quase etérea, quando, finalmente, recobrou-se o suficiente para sorrir e notar a presença de Valerie e suas amigas.

No final daquela noite, Elizabeth *sentia-se* num conto de fadas. Os rapazes aglomeraram-se em torno dela, implorando para serem apresentados, por uma dança e pela chance de servir-lhe ponche. Ela sorriu e dançou, mas nem por um momento lançou mão dos artifícios que as outras garotas usavam para flertar. Pelo contrário, ouvia os rapazes com interesse genuíno e um sorriso caloroso, deixava-os à vontade e puxava conversa quando a levavam para dançar. Na verdade, estava emocionada com a alegria contagiante, encantada com a música maravilhosa, deslumbrada com toda a atenção que recebia, e tais emoções espelhavam-se em seus olhos e em seu sorriso cativante. Era uma princesa de faz de conta em seu primeiro baile, seduzindo, arrebatando, girando pelo salão sob a luz cintilante dos candelabros, cercada de príncipes encantados, sem pensar que aquilo pudesse ter um fim. Elizabeth Cameron, com sua beleza angelical, cabelos dourados e luminosos olhos verdes, tomara Londres de surpresa. Não era apenas uma onda passageira, mas, sim, uma onda avassaladora.

Os visitantes começaram a chegar à sua casa na manhã seguinte, numa sequência interminável. E foi ali, não nos salões de baile, que Elizabeth

arrebatou suas maiores conquistas, pois ela não era apenas linda, mas ainda mais agradável ao conversar. Em apenas três semanas, quatorze cavalheiros lhe propuseram casamento, e Londres fervilhava com aquele acontecimento sem precedentes. Nem mesmo a Srta. Mary Gladstone, a beldade que reinara por duas temporadas consecutivas, havia recebido tantas propostas.

Doze dos pretendentes de Elizabeth eram jovens, apaixonados e adequados; dois eram bem mais velhos e estavam igualmente encantados. Robert, com grande orgulho e falta de tato, dispensou os pretendentes, rejeitando-os rudemente como impróprios e inadequados. Ele esperava, mantendo-se fiel à promessa que fizera a Elizabeth, pelo marido *ideal* com quem ela pudesse ser feliz.

O décimo quinto candidato preencheu todos os requisitos de Robert. Extremamente rico, atraente e apresentável, o Visconde Mondevale, de 25 anos, era, sem dúvida, o melhor partido da temporada. Robert sabia disso e, conforme disse a Elizabeth naquela noite, ficara tão animado que quase se esquecerera de tudo e pulara sobre a escrivaninha a fim de cumprimentar o jovem visconde pelo casamento iminente.

Elizabeth ficara satisfeita e emocionada ao saber que aquele cavalheiro, a quem ela havia especialmente admirado, oferecera-se como pretendente e fora escolhido.

— Ah, Robert, ele é muito agradável. Eu não estava segura de que havia gostado de mim o suficiente para me pedir em casamento.

O irmão pousou um beijo carinhoso em sua testa.

— Princesa — brincou —, qualquer homem que olhe para você perde completamente a cabeça. É apenas uma questão de tempo.

Ela lhe ofereceu um breve sorriso, encolhendo os ombros. Já estava cansada da maneira como as pessoas falavam de seu rosto, como se não houvesse um cérebro por trás dele. Além do mais, todas as atividades frenéticas e a radiante alegria da temporada, que de início a encantaram tanto, começavam a perder a graça. Na verdade, a emoção mais forte que ela sentiu, diante da notícia de Robert, foi alívio ao saber que seu casamento estava acertado.

— Mondevale pretende lhe fazer uma visita esta tarde — continuou Robert —, mas eu vou esperar uma ou duas semanas antes de lhe dar uma resposta. A espera servirá para reforçar sua decisão e, além disso, você merece ter mais alguns dias de liberdade antes de se tornar uma noiva.

Uma noiva, ela pensou, sentindo estranho desconforto e nítida inquietação, embora soubesse que era pura tolice de sua parte.

— Confesso que tive certo receio quando disse a ele que seu dote era de apenas 5 mil libras. Mas Mondevale não pareceu se importar com isso. Pelo contrário, disse que tudo o que interessava a ele era você e que pretende cobri-la de rubis do tamanho da palma de sua mão...

— Isso é... maravilhoso — disse Elizabeth, baixinho, esforçando-se para sentir algo além do alívio e da inexplicável apreensão que a invadiam.

— Você é maravilhosa — retrucou Robert, acariciando-lhe os cabelos. — Conseguiu tirar papai, a mim e Havenhurst do fundo do poço.

O Visconde Mondevale chegou às 15 horas, e Elizabeth recebeu-o no salão amarelo. Ele entrou, olhou ao redor, depois tomou-lhe as mãos entre as suas e sorriu ternamente, fitando-a nos olhos.

— A resposta é sim, não é? — falou, mas era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Já conversou com meu irmão? — respondeu Elizabeth, surpresa.

— Não, ainda não.

— Então, como sabe se a resposta é sim? — indagou ela, sorrindo.

— Porque a sempre presente Srta. Lucinda Throckmorton-Jones não está ao seu lado, com aqueles olhos de águia, pela primeira vez em um mês! — Pressionou um leve beijo na testa da jovem, o que a pegou desprevenida e a fez ruborizar. — Será que tem ideia de quanto é linda?

Elizabeth tinha uma vaga ideia, já que todos lhe diziam isso, e suprimiu o impulso de retrucar: Tem ideia de quanto sou *inteligente*? Não que fosse, nem de longe, do tipo intelectual, mas *realmente* gostava de ler, de pensar e até de debater assuntos que lhe interessavam, mas não tinha muita certeza de que Mondevale apreciaria tais atributos na futura esposa. Ele próprio jamais expressara uma opinião a respeito de nada, exceto sobre trivialidades, e nunca

lhe pedira uma opinião.

— Você é encantadora — murmurou ele, e Elizabeth perguntou-se, muito seriamente, *por que* ele pensava assim.

Ele não sabia quanto ela adorava pescar, ou rir, ou que atirava tão bem que era quase perita em tiro ao alvo. Não sabia que, certa vez, ela participara de uma corrida de carruagens nos campos de Havenhurst, ou que as flores pareciam desabrochar de maneira especial para ela. Quanto a si mesma, não sabia se ele gostaria de ouvir as maravilhosas histórias de Havenhurst e de seus primeiros habitantes. Ele sabia pouco a seu respeito; ela sabia menos ainda sobre ele.

Desejava poder aconselhar-se com Lucinda, mas a dama de companhia encontrava-se adoentada, com febre alta, dor de garganta e má digestão, e não saíra do quarto desde o dia anterior.

Elizabeth ficou um pouco preocupada com todas essas questões até a tarde do dia seguinte, quando partiu para uma pequena viagem de fim de semana, a fim de participar da festa que a colocaria no caminho de Ian Thornton e mudaria o rumo de sua vida. A festa aconteceu na linda casa de campo da irmã mais velha de Valerie, Lady Charise Dumont. Quando Elizabeth chegou, a propriedade já estava repleta de convidados, que flertavam, riam e bebiam generosas quantidades do champanhe que fluía de fontes de cristal no jardim. Pelos padrões de Londres, havia poucas pessoas na festa — não mais de 150 convidados estavam presentes, e apenas 25, incluindo Elizabeth e suas três amigas, ficariam todo o final de semana. Se não tivesse sido tão protegida e tão ingênua, teria reconhecido imediatamente o ambiente indecoroso naquela noite. Teria percebido, num instante, que os convidados eram muito mais velhos, mais experientes e muito mais desimpedidos do que aqueles com quem ela estivera antes. E teria ido embora.

Agora, sentada no salão de Havenhurst, refletindo sobre sua desastrosa insensatez naquele fim de semana, admirava-se com a própria ingenuidade.

Recostando novamente a cabeça no sofá, fechou os olhos e engoliu em seco o nó de humilhação que se formara em sua garganta. Por que, perguntou-se em desespero, as lembranças felizes desaparecem e se apagam

até que não se possa mais distingui-las, enquanto as lembranças horríveis parecem manter-se nítidas e dolorosas? Mesmo agora, era capaz de recordar-se daquela noite... Vê-la, ouvi-la, sentir os odores.

As flores brotavam em profusão no jardim austero quando ela saía à procura das amigas. Rosas. Em toda parte, era possível sentir o inebriante perfume das rosas.

No salão de baile, a orquestra terminava a afinação dos instrumentos quando, subitamente, os primeiros acordes de uma linda valsa ressoaram lá fora, enchendo de música o ar. O crepúsculo cobria o céu, e os criados moviam-se pelo terraço e pelas trilhas do jardim, acendendo as tochas enfeitadas. Não que todas as trilhas ficassem iluminadas, naturalmente — aquelas que seguiam escadaria abaixo permaneciam sob conveniente escuridão, para os casais que, mais tarde, buscassem um pouco de intimidade por entre as sebes ou na estufa, mas Elizabeth só se deu conta disso bem depois.

Levou quase meia hora para encontrar as amigas, pois elas se haviam reunido para um animado mexerico no extremo oposto do jardim, onde ficavam parcialmente escondidas por um arbusto alto e denso. Ao se aproximar, Elizabeth percebeu que as moças não estavam apenas perto do arbusto, mas sim espiando através dele, tagarelando, alvoroçadas, sobre alguém a quem observavam — alguém que lhes parecia provocar delírios de excitação e curiosidade.

— Meu Deus! — suspirou Valerie, espiando pelo arbusto. — Isto é o que minha irmã chama de “charme masculino”!

Com um breve e reverente silêncio, as três jovens examinaram o exemplo de masculinidade que recebera tamanho elogio de Charise, a bela irmã sagaz de Valerie.

Elizabeth acabara de reparar numa mancha de terra em seu sapatinho cor de lavanda e calculava, com infelicidade, o custo exorbitante de um novo par — ao mesmo tempo que imaginava se seria possível comprar apenas *um* sapato.

— Ainda não acredito que seja ele! — cochichou Valerie. — Charise disse

que talvez ele viesse, mas não lhe dei muita atenção. Não acham que todos em Londres vão morrer de inveja quando dissermos que o vimos? — acrescentou. Só então percebeu a presença de Elizabeth e fez um gesto para que se juntasse a elas, atrás da sebe. — Olhe, Elizabeth! Ele não é *divino*, de um modo meio misterioso, *depravado*?

Em vez de espreitar pelo arbusto, Elizabeth olhou pelo jardim, que estava repleto de homens e mulheres elegantes que riam e conversavam, enquanto encaminhavam-se lentamente para o salão onde se daria o baile, seguido pela ceia. Seu olhar perdido vagava por entre os homens que trajavam calções bufantes de cetim em tons pastel, casacas e coletes coloridos, o que os tornava tão extravagantes quanto pavões e araras.

— Quem eu deveria ver?

— O Sr. Ian Thornton, sua tolinha! Não, espere, não é possível vê-lo agora. Ele se afastou das tochas.

— Quem é Ian Thornton?

— Esta é a questão: ninguém sabe! — E, num tom de quem compartilha uma novidade suculenta, Valerie acrescentou: — Mas dizem que é neto do Duque de Stanhope. Como todas as jovens debutantes, Elizabeth fora obrigada a estudar o *Nobiliário de Debrett*, um livro que a aristocracia reverenciava com quase tanto fervor quanto um devoto presbiteriano apreciava a Bíblia.

— O Duque de Stanhope é um homem idoso — lembrou Elizabeth, depois de pensar um pouco. — E não tem herdeiros.

— Sim, todo mundo sabe disso. Mas comenta-se que Ian Thornton é seu... — a voz de Valerie tornou-se um sussurro — neto *ilegítimo*.

— A questão é que — intercedeu Penelope, autoritária — o Duque de Stanhope, na realidade, teve um filho, mas o deserdou anos atrás. Mamãe me contou tudo a respeito... Foi um escândalo e tanto.

Diante da palavra “escândalo”, todas se viraram, muitíssimo interessadas, e ela prosseguiu:

— O filho do velho duque casou-se com a filha de um aldeão escocês, e ela, ainda por cima, tinha sangue irlandês! Era uma pessoa repugnante, sem

importância alguma. E Ian Thornton pode ser o neto dele.

— As pessoas acreditam nisso apenas por causa do sobrenome — acrescentou Georgina, com seu típico espírito prático. — Porém, é um sobrenome bastante comum.

— Ouvi dizer que ele é tão rico — disse Valerie — que apostou 25 mil libras numa única rodada de cartas certa noite, num salão de jogos em Paris.

— Poupe-me! — exclamou Georgina, em escárnio. — Ele não fez isso por ser rico, mas sim porque é viciado em jogo! Meu irmão o conheceu e disse que Ian Thornton não passa de um *jogador* qualquer... Uma pessoa sem linhagem, educação, relações sociais e *muito menos* riqueza!

— Eu também ouvi isso — admitiu Valerie, tornando a espiar pela sebe. — Olhem! Dá para vê-lo agora. Lady Mary Watterly está praticamente atirando-se sobre ele!

As garotas inclinaram-se tanto para a frente que quase caíram sobre os arbustos.

— Acho que eu seria capaz de derreter se ele olhasse para mim.

— Ora, tenho certeza que não — disse Elizabeth, com um leve sorriso, sentindo que deveria dar alguma contribuição àquela conversa.

— Mas você ainda nem o viu!

Ela nem *precisava*, pois sabia exatamente o tipo de rapaz atraente que provocava suspiros em suas amigas: loiro, olhos azuis, físico atlético, entre 21 e 24 anos.

— Creio que Elizabeth já tem muitos admiradores com posses para se importar com um mero cavalheiro, não importa quão atraente ou misterioso ele seja — disse Valerie, enquanto Elizabeth mantinha um silêncio distante.

Aquele comentário lhe parecia ocultar uma boa dose de inveja e malícia, mas Elizabeth descartou rapidamente a suspeita, achando-a desagradável demais. Não fizera mal algum a Valerie ou a qualquer outra pessoa para merecer tamanha animosidade. Desde que fora para Londres, jamais pronunciara uma palavra indelicada a quem quer que fosse; na verdade, nunca participara da bisbilhotice maliciosa ou revelara algo que lhe fora confiado. Mesmo agora, sentia intenso desconforto diante das coisas

que as amigas diziam a respeito do homem a quem observavam. Elizabeth achava que as pessoas tinham direito à dignidade, não importando suas origens. Mas essa, naturalmente, era uma opinião minoritária, que beirava a heresia aos olhos da sociedade. Por isso, Elizabeth tratava de mantê-la apenas para si.

Naquele instante, entretanto, ela sentia que tais pensamentos eram desleais em relação às suas amigas e, mais ainda, que provavelmente agia como uma desmancha-prazeres por não se juntar àquela diversão e tentar compartilhar o alvoroço em torno do Sr. Ian Thornton. Esforçando-se para entrar no espírito do momento, sorriu para Valerie e disse:

— Não tenho *tantos* admiradores assim e estou certa de que, se pudesse vê-lo, ficaria tão intrigada quanto vocês.

Por algum motivo, suas palavras provocaram uma conspiratória troca de olhares satisfeitos entre Valerie e Penelope. Mas Valerie apressou-se em lhe explicar o motivo:

— Ainda bem que concorda, Elizabeth, porque nós três estamos com um pequeno problema e contamos com sua ajuda para resolvê-lo.

— Que tipo de problema?

— Bem, você sabe... — começou Valerie, com uma exuberância ofegante que Elizabeth julgou ser causada pelas taças de vinho que os criados serviam incessantemente a todos os convidados, inclusive a elas. — Tive de implorar mil vezes para que Charise permitisse que viéssemos para cá neste fim de semana.

Uma vez que já sabia disso, Elizabeth assentiu e esperou.

— Acontece que, quando Charise comentou hoje cedo que Ian Thornton confirmara a presença na festa, quase morremos de curiosidade! No entanto, Charise garantiu que ele não nos daria a menor atenção, pois somos jovens demais e nem de longe o tipo dele...

— Provavelmente, ela está certa — falou Elizabeth, com um sorriso despreocupado.

— Ah, mas isso não pode acontecer! — Lançando um olhar para as outras, como se estivesse em busca de apoio, Valerie finalizou, enfática: — Ele não

pode nos ignorar, Elizabeth, porque nós três apostamos nossas mesadas inteiras com Charise que ele iria convidar uma de nós para dançar esta noite. E é óbvio que ele não o fará, a não ser que seu interesse seja conquistado antes do baile.

— Suas mesadas inteiras? — repetiu Elizabeth, horrorizada com tamanha extravagância. — Mas você estava planejando usar a sua para comprar aquelas ametistas que vimos na joalheria da Rua Westpool.

— E eu pretendo usar a minha — acrescentou Penelope, virando-se para espreitar novamente pela sebe — para comprar aquele lindo potro que o papai me recusou.

— Eu... eu talvez saia da aposta — disse Georgina, parecendo nitidamente perturbada acerca de algo além do dinheiro. — Não acho que... — começou, mas Penelope a interrompeu bruscamente.

— Ele está vindo nesta direção e está sozinho! Não teremos oportunidade melhor de tentar atrair sua atenção a não ser agora. Isso se ele não se desviar do caminho.

De repente, aquela aposta absurda começou a tomar ares de diversão proibida, e Elizabeth riu.

— Neste caso — disse —, nomeio Valerie para a tarefa de despertar o interesse dele, uma vez que a ideia foi dela, e é ela quem o admira mais.

— Pois nós nomeamos *você* — retrucou Valerie num tom infantil e determinado.

— A mim? Mas por que teria de ser eu?

— Porque você foi a única que recebeu quatorze propostas, e é perfeitamente óbvio que tem mais chances de sucesso. Além disso — acrescentou Valerie ao ver que Elizabeth se esquivava —, o Visconde Mondevale ficará ainda mais impressionado se souber que Ian Thornton, o misterioso homem mais velho por quem Mary Jane Morrison se apaixonou em vão no ano passado, convidou *você* para dançar e dedicou-lhe atenção especial. Assim que Mondevale ouvir as notícias, vai subir pelas paredes!

De acordo com as regras da alta sociedade, Elizabeth jamais se permitiria demonstrar a menor parcialidade em relação ao visconde e ficou atônita ao

descobrir que as amigas haviam adivinhado seus sentimentos secretos. Porém, naturalmente, não tinham como saber que o belo rapaz em questão já fizera o pedido, que estava prestes a ser aceito.

— Decida-se logo, Elizabeth, ele está quase chegando aqui! — implorou Penelope, em meio aos risinhos nervosos de Georgina.

— Então, vai fazer o que pedimos? — indagou Valerie com urgência, enquanto as outras duas moças começavam a se afastar, virando-se em direção à casa.

Elizabeth bebeu o primeiro gole de vinho da taça que recebera assim que pusera os pés no jardim. Hesitou um pouco antes de sorrir e dizer à amiga:

— Pois bem, acho que sim.

— Ótimo. Mas não esqueça que ele terá de dançar com você esta noite ou perderemos nossas mesadas! — Rindo, Valerie deu-lhe um encorajador tapinha antes de girar nos saltos dos sapatinhos de cetim e correr atrás das amigas risonhas.

O arbusto cerrado por onde as amigas estiveram espionando mantinha Elizabeth fora do campo de visão quando, com todo o cuidado, ela começou a descer os dois largos degraus que davam acesso ao gramado. Olhou em volta, então, tentando decidir se ficaria onde estava ou se iria sentar-se no pequeno banco de pedras brancas à sua esquerda. Decidiu-se pelo banco e sentou-se no instante em que o ruído de botas batendo contra a pedra ressoou no ar: uma vez, duas vezes... e lá estava ele.

Sem reparar na sua presença, Ian Thornton deu mais um passo à frente, parou próximo a uma das tochas iluminadas e retirou um charuto do bolso do colete. Elizabeth observava-o, tomada pelo temor e por uma excitação trepidante, desconhecida, causada tanto pela aparência dele como pela missão secreta dela.

Ele não se assemelhava *em nada* ao que ela esperava ver. Além de ser mais velho do que imaginara — parecia ter, *no mínimo*, 27 anos —, era surpreendentemente alto, com mais de um metro e oitenta, tinha ombros fortes e pernas longas, musculosas. Os cabelos volumosos não eram loiros, mas, sim, castanho-escuros, ondulados. Em vez de usar a roupa da moda

como os outros homens — casaca colorida de cetim e calções brancos —, seus trajes eram negros, da cabeça aos pés, com exceção da camisa e da gravata imaculadas, tão brancas que pareciam brilhar em contraste com a casaca e o colete. Elizabeth foi invadida pela impressão perturbadora de que Ian Thornton parecia uma enorme águia predatória em meio a um bando de ruidosos pavões coloridos. Enquanto ela o contemplava, ele acendeu o charuto, inclinando levemente a cabeça e protegendo a chama com as mãos. O punho branco da camisa apareceu sob a manga da casaca e, à brilhante luz alaranjada da chama, Elizabeth pôde ver que ele tinha as mãos e o rosto bastante bronzeados.

Soltou o ar, que nem sequer percebera estar prendendo, e o leve som o fez erguer a cabeça bruscamente. Os olhos do homem estreitaram-se, com surpresa ou desprazer — Elizabeth não tinha certeza. Apanhada em flagrante, oculta entre as sombras observando-o, balbuciou a primeira tolice que lhe veio à mente:

— É a primeira vez que vejo um homem fumar um charuto. Eles... Vocês sempre se retiram para uma sala reservada...

As sobrancelhas escuras arquearam-se num questionamento despreocupado.

— Importa-se? — perguntou, terminando de acender o charuto.

Duas coisas nele logo chamaram a atenção de Elizabeth: os olhos penetrantes eram de uma cor estranha, como âmbar reluzente, enquanto a voz apresentava uma textura rica e grave. A combinação provocou-lhe um frio peculiar na espinha.

— Com o quê? — questionou tolamente.

— Com o charuto — disse ele.

— Ah... Não, não me importo — apressou-se em lhe assegurar. Porém, tinha a nítida impressão de que ele fora até ali em busca de privacidade para se deleitar com o charuto e que, se dissesse que sim, incomodava-se, ele lhe daria as costas e se afastaria, em vez de apagar o charuto e permanecer em sua companhia.

Alguns metros adiante, no lado oposto da estreita saliência gramada onde

se encontravam, risinhos femininos ressoaram no ar. Elizabeth virou-se sem querer e teve um rápido vislumbre do vestido rosado de Valerie e do amarelo de Georgina sob a luz da tocha, antes que ambas corressem para as sebes espessas, longe de sua visão.

Sentiu o rubor subindo-lhe ao rosto diante do comportamento embaraçoso das amigas e, quando tornou a se virar, reparou que seu acompanhante a observava, com as mãos nos bolsos e o charuto preso entre os dentes tão alvos quanto a camisa. Com uma imperceptível inclinação de cabeça, ele indicou o lugar onde ocorrera a breve aparição.

— São suas amigas? — perguntou, e Elizabeth teve a terrível impressão de que, de alguma forma, ele já entendera todo o plano.

Sentiu-se tentada a lhe contar uma mentirinha, mas, além de não gostar de mentir, os olhos dele, penetrantes, fitavam-na atentamente.

— São, sim — respondeu. Fez uma pausa a fim de arrumar melhor as saias cor de lavanda e ergueu o rosto para ele, com um sorriso hesitante. Só então lhe ocorreu que não tinham sido apresentados e, como não havia ninguém ali para fazê-lo da maneira adequada, decidiu agir por si mesma, de maneira um tanto brusca e desajeitada.

— Meu nome é Elizabeth Cameron — anunciou.

Inclinando a cabeça, numa evidente imitação de reverência, ele a cumprimentou dizendo simplesmente:

— Srta. Cameron.

Sem alternativa, ela se viu obrigada a indagar:

— E o senhor?

— Ian Thornton.

— Como vai, Sr. Thornton? — Elizabeth estendeu a mão, num gesto formal.

Aquilo provocou nele um sorriso repentino, lento e absolutamente encantador, enquanto fazia a única coisa que poderia: deu um passo à frente e segurou-lhe a mão.

— Muito prazer — disse, embora a voz contivesse um leve tom de zombaria.

Começando a se arrepender de ter concordado com aquele plano, Elizabeth forçou-se a pensar, imaginando como iniciar uma conversa, tarefa que, no passado, deixara a cargo dos desesperados rapazes que desejavam entretê-la com algum assunto. Pessoas conhecidas eram um tópico muito bem-aceito na sociedade, e ela tratou de se agarrar a isso, aliviada. Fazendo um gesto com o leque na direção de onde suas amigas foram vistas, disse:

— A jovem de vestido rosa é a Srta. Valerie Jamison e a de amarelo, a Srta. Georgina Granger. — Quando ele não deu o menor sinal de reconhecimento, acrescentou, solícita: — A Srta. Jamison é filha de Lorde e Lady Jamison. — Ele continuava a encará-la, sem muito interesse. Elizabeth tentou mais uma vez, quase entrando em desespero: — São os Jamison, de Herfordshire. O senhor sabe, o conde e a condessa.

— *É mesmo?* — respondeu ele, com distraída complacência.

— *É, sim* — balbuciou ela, sentindo-se mais insegura a cada segundo. — E a Srta. Granger é filha dos Granger, de Wiltshire... O Barão e a Baronesa de Grangerley.

— *É mesmo?* — zombou ele, observando-a num silêncio curioso.

Só então Elizabeth lembrou-se do comentário das amigas sobre a ascendência questionável de Ian Thornton e sentiu-se gelar de vergonha pela maneira inconsequente como ficara falando de títulos de nobreza a alguém que, provavelmente, fora privado de seu próprio. As palmas de suas mãos ficaram úmidas e ela as esfregou na saia. Ao perceber o que estava fazendo, parou no mesmo instante. Depois, limpou a garganta e abanou-se com o leque.

— Nós estamos aqui por causa da temporada — finalizou, pouco convincente.

Os frios olhos cor de âmbar aqueceram-se de repente num misto de divertimento e simpatia, e havia uma sombra de sorriso na voz dele quando perguntou:

— E estão se divertindo?

— Sim, muito — respondeu ela, com um suspiro de alívio ao ver que, finalmente, ele decidira participar um pouco da conversa. — A Srta. Granger,

embora o senhor não a tenha visto daqui, é belíssima, com os modos mais doces que alguém pode imaginar. Conta com dezenas de admiradores.

— Todos com títulos de nobreza, suponho.

Ainda imaginando que ele ansiava pelo título de duque que lhe fora negado, Elizabeth mordeu o lábio e assentiu, levemente constrangida.

— Receio que sim — admitiu, resignada, e, para sua surpresa, *aquilo* o fez sorrir. Um sorriso deslumbrante espalhou-se por seus traços bronzeados, e o efeito dramático que aquele sorriso proporcionara a seu rosto foi quase tão intenso quanto o que causou no sistema nervoso de Elizabeth. Com o coração aos saltos, ela se pôs de pé, tomada de extrema agitação.

— A Srta. Jamison também é adorável — continuou, retornando ao assunto de suas amigas e sorrindo, incerta.

— Quantos pretendentes competem pela mão *dela*?

Finalmente, Elizabeth deu-se conta de que ele estava brincando, e sua visão irreverente daquilo que todos consideravam questões de extrema gravidade provocou-lhe um riso espontâneo e aliviado.

— Fiquei sabendo por fonte segura — respondeu, tentando imitar aquele tom grave e brincalhão — que os pretendentes marcharam diante do pai de Valerie em número recorde.

Ele sorriu e, enquanto o fitava, sorrindo também, ela sentiu toda a tensão e o nervosismo evaporando-se. De forma súbita e inexplicável, sentia como se fossem velhos amigos, compartilhando a mesma irreverência secreta. Só que ele era bastante ousado para admitir os próprios sentimentos, enquanto ela ainda tentava reprimir os seus.

— E quanto à senhorita?

— Eu?

— Quantas propostas recebeu?

Um risinho de surpresa escapou-lhe dos lábios. Elizabeth balançou a cabeça. Comentar com orgulho sobre os atributos das amigas era aceitável, mas gabar-se dos próprios estava além de todos os limites, e ela estava certa de que ele sabia disso.

— Ora, ora — repreendeu-o, com risonha severidade. — Isso foi uma

grande maldade de sua parte.

— Peço-lhe desculpas — disse ele, inclinando novamente a cabeça, com a mesma falsa reverência de antes e um leve sorriso nos lábios.

A escuridão da noite já cobria o jardim e, mesmo sabendo que deveria entrar, Elizabeth decidiu ficar mais um pouco, relutante em deixar aquela acolhedora intimidade. Cruzando as mãos levemente às costas, olhou para as estrelas, que começavam a reluzir no céu.

— Esta é a hora do dia que mais gosto — confessou num tom suave. Olhou-o de soslaio para ver se ele se aborrecia com o assunto, mas ele se virara e olhava para o céu, como se também se interessasse pelo que havia ali.

Elizabeth procurou as estrelas do Carro de David e as encontrou.

— Veja — disse, indicando a luz mais brilhante no céu —, ali está Vênus. Ou será Júpiter? Nunca tenho muita certeza.

— É Júpiter. E, mais adiante, está a Ursa Maior.

Ela riu, balançando a cabeça, e desviou os olhos do céu.

— Talvez pareça um grande urso para você e para todos — disse. — Mas, para mim, todas as constelações são apenas um punhado de estrelas dispersas. Na primavera, até posso encontrar Cassiopeia, mas não por achá-la semelhante a um leão. No inverno, consigo distinguir Arcturus, embora não entenda como alguém consegue ver um arqueiro em meio a todo aquele aglomerado de estrelas. Acha que pode existir vida em algum lugar lá em cima?

Ele virou o rosto, encarando-a com genuíno espanto.

— O que *você* acha?

— Acho que sim. Na verdade, creio que seja arrogância presumir que, dentre milhares de estrelas e planetas, sejamos os únicos a existir. Quase tão arrogante quanto a antiga crença de que a Terra era o centro do universo e de que tudo giraria em torno de nós. Embora as pessoas não tenham ficado exatamente *agradecidas* a Galileu quando ele provou o contrário, não é? Imagine ser arrastado diante da Inquisição e forçado a renunciar a algo que ele *sabia* ser verdadeiro, podendo até provar suas teorias!

— Desde quando debutantes estudam astronomia? — indagou Ian

Thornton, quando Elizabeth se virou para pegar a taça que deixara sobre o banco.

— Tive muitos e muitos anos para me dedicar à leitura — admitiu ela, ingenuamente. Sem perceber a intensidade com que ele a fitava, pegou a taça e tornou a se virar. — Preciso entrar agora e me preparar para o baile.

Ele assentiu em silêncio, e Elizabeth começou a se afastar. Então, mudou de ideia e hesitou, lembrando-se da aposta das amigas e em quanto estavam contando com ela.

— Tenho um pedido estranho a lhe fazer... um favor que na verdade — disse, devagar, rezando para que ele tivesse apreciado, tanto quanto ela, o breve e agradável momento que haviam compartilhado. Sorrindo para aqueles olhos impenetráveis, acrescentou: — Será que o senhor poderia... por motivos que não posso explicar... — calou-se, extremamente embaraçada.

— Qual é o favor?

Ela falou de uma só vez:

— Será que poderia convidar-me para dançar esta noite?

A expressão dele não se modificou; não se mostrou chocado, nem lisonjeado com o pedido ousado. Porém, dos lábios saiu a resposta firme:

— Não.

Elizabeth ficou mortificada com a recusa, porém ainda mais atônita com o evidente pesar que percebeu na voz e no rosto dele. Fitou-o por um longo instante, querendo ler a resposta naqueles traços indecifráveis, até que o som de risos, vindo de algum lugar próximo, quebrou o encanto. Tentando escapar de uma encrenca em que nunca deveria ter-se metido, Elizabeth juntou as saias a fim de se retirar. Num esforço consciente para deixar a voz vazia de qualquer emoção, disse com tranquila dignidade:

— Boa noite, Sr. Thornton.

Atirando longe o charuto, ele assentiu:

— Boa noite, Srta. Cameron. — Deu-lhe as costas e se afastou.

AS AMIGAS DE ELIZABETH estavam no andar de cima, vestindo-se para o baile. Porém, no instante em que ela entrou num dos cômodos destinados a elas, a

conversa e os risos interromperam-se abruptamente, deixando-a com uma leve e desconfortável impressão de que estavam rindo e falando... *dela*.

— Então? — perguntou Penelope, com uma risada ansiosa. — Não nos deixe nesse suspense! Conseguiu impressioná-lo?

A horrível sensação de ser o alvo de alguma brincadeira secreta desapareceu assim que Elizabeth fitou os rostos sorridentes e francos das amigas. Apenas Valerie permanecia um tanto fria e distante.

— Eu o impressionei, com certeza — respondeu, sorrindo timidamente. — Mas não foi uma impressão muito favorável.

— Mas ficaram juntos por tanto tempo! — outra garota a espicou. — Ficamos observando dos fundos do jardim. Sobre o que conversaram?

Elizabeth sentiu um calor agradável perpassar-lhe o corpo e tingir as maçãs de seu rosto ao lembrar o rosto atraente e bronzeado e a maneira como o sorriso suavizara as feições dele.

— Para ser sincera, não me lembro do que conversamos — disse, e era a pura verdade. Tudo o que recordava era como seus joelhos tremiam e como seu coração disparava cada vez que ele a olhava.

— Bem, e como ele é?

— Bonito — respondeu Elizabeth, discretamente sonhadora, antes de se dar conta do que dizia. — Interessante. E tem uma linda voz.

— E, sem dúvida — intercedeu Valerie, sarcástica —, ele já está à procura de seu irmão a fim de pedir sua mão em casamento.

A ideia era tão absurda que Elizabeth teria gargalhado se não estivesse tão envergonhada e decepcionada pela forma como ele a deixara no jardim.

— Posso garantir-lhe que a noite de meu irmão não sofrerá interrupções, pelo menos nesse sentido — retrucou. Depois, com um sorriso pesaroso, acrescentou: — Mas receio que vocês tenham perdido suas mesadas, pois não existe a mínima chance de ele me convidar para dançar. — Com um aceno de desculpas, saiu e foi para seu quarto preparar-se para o baile, que, aliás, já animava o terceiro andar da mansão.

Porém, assim que se encontrou só em seu quarto, o sorriso desapareceu de seu rosto, dando lugar a uma expressão de incredulidade. Sentou-se na

beirada da cama e distraidamente traçou, com a ponta do dedo, o desenho de uma rosa bordada na colcha de brocado, tentando compreender as emoções que experimentara na presença de Ian Thornton.

Ao lado dele, no jardim, sentira medo e contentamento ao mesmo tempo — fora como se, com o magnetismo que irradiava, ele a tivesse atraído para si. Naqueles poucos momentos, ansiara por ganhar-lhe a aprovação, alarmando-se quando falhava e alegrando-se ao conseguir. Mesmo agora, apenas a lembrança de seu sorriso, da intimidade de seu olhar, fazia com que sentisse frio e calor.

Ouvindo a música que ressoava do salão de baile, Elizabeth finalmente afastou os pensamentos e tocou a sineta para que Berta fosse ajudá-la a se vestir.

— O que acha? — perguntou a Berta, meia hora depois, fazendo uma pirueta diante do espelho.

Berta torceu as mãos gorduchas e deu um passo para trás, inspecionando nervosamente a aparência sofisticada da jovem patroa e incapaz de suprimir um sorriso de afeição. Os cabelos de Elizabeth estavam erguidos num elegante coque, com mechas suaves emoldurando-lhe o rosto. Os brincos de safira e diamante, que haviam pertencido à mãe dela, reluziam em suas orelhas delicadas.

Ao contrário dos outros vestidos de Elizabeth, quase todos em tom pastel e de cintura alta, aquele azul-safira era, de longe, o mais sedutor e incomum. A seda azul drapeada caía de um laço em seu ombro esquerdo, indo até os pés e deixando o outro ombro nu. E, apesar de ter um corte reto, deslizava em seu corpo, realçando-lhe os seios e apenas sugerindo a estreita cintura.

— Eu acho — respondeu Berta, afinal — que é de se admirar que a Srta. Porter tenha encomendado um vestido deste para você. Não é nem um pouco parecido com os outros.

Elizabeth abriu-lhe um sorriso travesso enquanto puxava as luvas azuis até o cotovelo.

— Foi o único que a Srta. Porter não escolheu — confessou. — E Lucinda também não o viu ainda.

— Disso estou certa.

Elizabeth tornou a se virar para o espelho, franzindo a testa enquanto observava o próprio reflexo.

— As outras garotas mal completaram 17 anos, mas eu farei 18 daqui a alguns meses. Além disso — explicou, pegando o bracelete de diamantes e safiras que completava o conjunto com os brincos —, como tentei dizer à Srta. Porter, é um desperdício gastar tanto com vestidos que não serão mais adequados nos próximos anos. Pelo menos, poderei usar este aqui até os vinte anos.

Berta revirou os olhos e balançou a cabeça, começando a guardar as escovas de cabelo.

— Duvido que o seu Visconde Mondevale vá permitir que use a mesma roupa mais de uma vez — finalizou, abaixando-se para acertar a barra do vestido azul.

Capítulo 5

O fato de Berta tê-la lembrado de que estava praticamente noiva acalmou Elizabeth, e essa calma permaneceu enquanto ela se encaminhava para a escadaria que levava ao salão de baile. A perspectiva de um confronto com Ian Thornton já não lhe provocava mais a agitação de antes, e recusava-se a sentir-se decepcionada pela recusa que recebera, ou mesmo a pensar nele. Com sua graça natural, entrou no salão, onde vários pares já dançavam, embora a maioria dos convidados estivesse reunida em grupos, rindo e conversando.

Parou por um instante no final da escadaria e olhou em volta, à procura das amigas, perguntando-se onde estariam. Avistou-as alguns metros adiante e assentiu, sorrindo, quando Penelope acenou para ela.

Com o sorriso ainda preso aos lábios, desviou o olhar, mas gelou, de repente, ao deparar com um par de admirados olhos cor de âmbar. Parado junto a um grupo de homens ao pé da escada, Ian Thornton a fitava com intensidade, levando a taça de vinho aos lábios. Os olhos atrevidos deslizaram do topo dos sedosos cabelos loiros, pelos seios e quadris, até os sapatos azuis, antes de se erguerem de novo para o rosto de Elizabeth, com um brilho de franca admiração. Como se quisesse confirmar a presença dela, ergueu uma sobrancelha e o copo, num brinde sutil, antes de beber o vinho. Sem saber como, Elizabeth conseguiu manter a expressão serena enquanto descia graciosamente os últimos degraus, embora seu coração batesse descontroladamente e sua mente estivesse em total confusão. Se qualquer

outro homem a olhasse ou se comportasse da maneira como Ian Thornton acabara de fazer, ela teria ficado indignada, espantada ou ambos. Mas, em vez disso, o sorriso nos olhos dele — e o brinde brincalhão — a fez sentir-se como se estivessem compartilhando algo particular, íntimo, e ela retribuíra o sorriso.

Lorde Howard, primo do Visconde Mondevale, a esperava no final da escadaria. Era um homem refinado, de maneiras agradáveis, e, em vez de se alistar no rol de pretendentes de Elizabeth, tornara-se quase um amigo, sempre incentivando o relacionamento entre ela e o visconde.

Ao lado dele estava Lorde Everly, que, além de ser um dos admiradores mais insistentes de Elizabeth, era um jovem ousado, atraente e que, como ela, herdara seus títulos e propriedades ainda criança. Só que, ao contrário de Elizabeth, herdara também uma fortuna.

— Ora, que surpresa! — exclamou Lorde Everly, oferecendo-lhe o braço. — Ouvimos dizer que a senhorita viria para o fim de semana. Está deslumbrante esta noite.

— Deslumbrante! — ecoou Lorde Howard. Lançando um olhar significativo para o braço estendido de Thomas Everly, repreendeu-o: — Everly, costuma-se pedir à dama pela honra de escoltá-la, em vez de colocar o braço à frente dela dessa maneira. — Virando-se para Elizabeth, fez uma reverência e ofereceu-lhe o braço. — A senhorita me permite? — perguntou.

Ela riu e, agora que estava quase comprometida, permitiu-se quebrar uma pequena regra de decoro.

— É claro que sim, cavalheiros — respondeu e pousou a mão enluvada *em cada um* dos braços. — Espero que me agradeçam por evitar uma briga entre os dois — brincou, enquanto avançavam pelo salão. — Estou parecendo uma velhinha, fraca demais para andar sem que haja uma pessoa de cada lado para me manter de pé!

Os dois cavalheiros riram, e ela também — e essa foi a cena a que Ian Thornton assistiu quando o trio passou pelo grupo onde ele estava. Elizabeth conseguiu evitar olhar para ele, mas, quando estavam a apenas alguns passos de distância, alguém chamou Lorde Howard, que parou um instante para

responder. Cedendo à tentação, Elizabeth lançou um rápido olhar para o homem alto de ombros largos que se encontrava no meio do grupo. Ele mantinha a cabeça baixa e parecia absorvido na conversa risonha da única mulher entre eles. Se percebera a proximidade de Elizabeth, não deu o menor sinal disso.

— Devo dizer que fiquei um pouco surpreso ao saber que a senhorita estaria aqui — disse Lorde Howard quando retomaram o passo.

— Por quê? — indagou ela, enquanto jurava mentalmente não pensar mais em Ian Thornton. Estava começando a ficar obcecada por um homem que não passava de um completo estranho e, acima de tudo, estava quase noiva!

— Porque as reuniões na casa de Charise Dumont são conhecidas por sua... informalidade — explicou o Lorde.

Perplexa, Elizabeth encarou o belo rapaz loiro.

— Mas a Srta. Throckmorton-Jones, minha dama de companhia, nunca apresentou a menor objeção às minhas visitas a qualquer membro da família em Londres. Além disso, a mãe de Charise era amiga de minha mãe.

Lorde Howard sorriu, parecendo preocupado, mas reconfortante.

— Em Londres — enfatizou ele —, Charise é uma anfitriã exemplar. Aqui no campo, entretanto, suas festas costumam ser, digamos, um pouco menos planejadas e restritas. — Fez uma pausa e parou o mordomo que carregava uma bandeja de prata com taças de champanhe, entregando uma a Elizabeth antes de continuar: — Longe de mim insinuar que sua reputação poderia arruinar-se pelo fato de estar aqui. Afinal — brincou —, Everly e eu também estamos, o que indica que, pelo menos, alguns poucos convidados pertencem à alta sociedade.

— Ao contrário de *outros* — Lorde Everly acrescentou com desprezo, apontando na direção de Ian Thornton —, que jamais seriam aceitos em qualquer salão respeitável de Londres!

Invadida por uma mescla de curiosidade e espanto, Elizabeth não pôde evitar perguntar:

— Por acaso estão se referindo ao Sr. Thornton?

— O próprio.

Ela bebeu um gole de champanhe, aproveitando a pausa para observar o homem alto e bronzeado que ocupara seus pensamentos desde o primeiro instante em que falara com ele. Em sua opinião, ele aparentava ser um cavalheiro elegante e discreto: o conjunto de calça e casaca vinho que trajava realçava seus ombros largos e suas pernas longas, caindo-lhe com tal perfeição que com certeza fora feito pelo melhor alfaiate de Londres. A larga gravata branca estava amarrada num laço impecável, e os cabelos escuros tinham um corte perfeito. Mesmo em postura descontraída, seu corpo alto denunciava a força muscular de um atleta, enquanto os traços estampavam a fria arrogância da nobreza.

— Ele... é assim tão mau? — indagou, afastando os olhos do perfil que parecia esculpido em pedra.

Mas estava tão envolvida nas próprias impressões a respeito da elegância de Ian Thornton que demorou um instante até que sua mente registrasse a resposta mordaz de Lorde Everly.

— Ele é ainda *pior!* O sujeito é um jogador barato, um embusteiro, patife... e coisa pior!

— Eu... não consigo acreditar! — murmurou Elizabeth, atônita e desapontada demais para ficar em silêncio.

Lorde Howard lançou um olhar de desaprovação para Everly e, depois, abriu um sorriso tranquilizador a Elizabeth, interpretando erroneamente o motivo de sua aflição.

— Não dê ouvidos a Lorde Everly, minha cara. Ele está furioso porque Thornton o aliviou do peso de 10 mil libras há duas semanas, num jogo de cartas entre cavalheiros. Já basta, Thomas! — acrescentou, quando o irado lorde começou a protestar. — Da maneira como fala, Lady Elizabeth terá medo de dormir aqui esta noite.

Com os pensamentos ainda voltados para Ian Thornton, Elizabeth mal ouviu o que as amigas conversavam ao se aproximar do grupo com seus dois acompanhantes.

— Não sei o que os homens veem nela — dizia Georgina. — Ela não é mais bonita do que qualquer uma de nós.

— Já perceberam — intercedeu Penelope, com expressão filosófica — como os rapazes se comportam como ovelhas? Aonde um vai os outros vão atrás.

— Eu só queria que ela escolhesse logo com quem vai se casar e deixasse o restante para nós — falou Georgina.

— Acho que ela se sentiu atraída por ele.

— Pois está perdendo tempo. — Valerie fez um muxoxo de desprezo, ajeitando com raiva as saias do vestido cor-de-rosa. — Como eu já disse, Charise assegurou-me de que ele não se interessa por “jovencinhas inocentes” — suspirou, exasperada. — Ainda assim, seria divertido se ela realmente se afeiçoasse a ele... Uma ou duas danças juntos, uns poucos olhares insinuantes, e pronto: estaríamos livres dela assim que os rumores chegassem aos ouvidos de seu belo pretendente... Meu Deus, Elizabeth, que susto! — exclamou, só então reparando na presença de Elizabeth, que se posicionara um pouco atrás. — Pensamos que estava dançando com Lorde Howard.

— Uma excelente ideia — adiantou-se Lorde Howard. — Sei que lhe pedi a próxima dança, Lady Cameron, mas se não fizer objeção a esta...?

— Antes que você a roube por completo... — Lorde Everly interrompeu com um olhar grave na direção de Lorde Howard, a quem considerava, erroneamente, mais um rival à mão de Elizabeth. Depois, voltou-se para ela e completou: — Sairemos em uma pequena excursão ao vilarejo amanhã cedo, com retorno previsto para o fim da tarde. A senhorita me daria a honra de ser seu acompanhante?

Desconfortável com o tipo de intrigas maldosas a que suas amigas andavam se dedicando, Elizabeth aceitou o convite de Lorde Everly para o passeio e o convite de Lorde Howard para a dança.

Quando já estavam no meio do salão, o lorde dirigiu-lhe o olhar e disse:

— Pelo que sei, estamos prestes a nos tornar primos. — Percebendo a surpresa dela diante do comentário prematuro, explicou: — Mondevale confidenciou-me que a senhorita está prestes a transformá-lo no mais feliz dos homens. Isto é, se seu irmão não se opuser.

Como Robert deixara bem claro que pretendia manter Mondevale na

expectativa por alguns dias, ela respondeu da única maneira que podia:

— A decisão está nas mãos do meu irmão.

— O que é perfeitamente adequado — aprovou ele.

Uma hora depois, Elizabeth acabou concluindo que a presença constante de Lorde Howard deixava evidente que ele se autonomeara seu guardião durante aquela festa, a qual, em sua opinião, não era muito adequada para moças puras. Também percebeu, no breve instante em que ele se afastou a fim de buscar um copo de ponche, que quase todos os homens presentes, bem como algumas das mulheres, encaminhavam-se para o salão de jogos. Normalmente, o salão de jogos era um aposento de uso exclusivo dos homens durante os bailes — um lugar que os anfitriões reservavam para homens (quase sempre casados ou com idade avançada) que eram forçados a comparecer ao baile, mas que se recusavam a passar a noite inteira envolvidos em conversas frívolas. Elizabeth sabia que Ian Thornton se havia retirado para lá logo no início da noite, onde permanecera. E, agora, até mesmo suas amigas olhavam com ansiedade naquela direção.

— Está acontecendo algo especial no salão de jogos? — perguntou assim que Lorde Howard retornou com o ponche e guiou-a até seu grupo de amigas.

Ele assentiu com um sorriso sardônico.

— Thornton está perdendo feio, e, tratando-se dele, é uma grande novidade.

Penelope e as outras ouviram o comentário com ávida curiosidade.

— Lorde Tilbury falou-nos que acredita que tudo o que o Sr. Thornton possui está sobre aquela mesa, em fichas ou em notas promissórias — disse a jovem.

Elizabeth sentiu o estômago se revirar.

— Ele... está apostando tudo? — perguntou a seu autoproclamado protetor. — Num jogo de cartas? Mas *por que* faria algo assim?

— Suponho que pela emoção. A maioria dos jogadores faz isso.

Ela não conseguia imaginar por que seu pai, seu irmão e tantos outros homens pareciam divertir-se arriscando enormes somas de dinheiro em algo

tão sem sentido quanto um jogo de cartas. Porém, não teve a chance de fazer qualquer comentário, pois Penelope gesticulava para Georgina, Valerie e até para ela, dizendo com um sorriso gracioso:

— Nós gostaríamos muito de ir à sala de jogos observar um pouco, Lorde Howard. Se o senhor nos acompanhar, não vejo inconveniente. Isso é tão empolgante e, afinal, metade dos convidados já foi para lá.

Lorde Howard não ficou imune aos três rostinhos adoráveis que o olhavam com tanta expectativa, mas, ainda assim, hesitou. Lançou um olhar hesitante para Elizabeth, enquanto sua posição de guardião entrava em conflito com o desejo pessoal de agradar às jovens e, ao mesmo tempo, assistir ao acontecimento com seus próprios olhos.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>